

# EDUCAÇÃO

## INTEGRAL



Reflexões sobre educação na  
perspectiva da integralidade humana

Apoio:

# PUBLIQUE SEU ARTIGO NA NOSSA REVISTA EDUCAÇÃO INTEGRAL

Mais informações:

 **(11) 95031-7539**



CARTA AO LEITOR –  
REVISTA DEZEMBRO DE 2022  
Caros leitores,



Nesta edição da “Educação Integral: reflexões sobre educação na perspectiva da integralidade humana”, o grupo organizador da revista pretende refletir com os leitores sobre a importância de considerar a dialogicidade da linguagem, existente nas experiências comunitárias das afinidades interdiscursivas, que envolvem o microespaço das relações humanas e o macro espaço planetário. Ao considerar a Educação Integral como um trabalho de humanização, por meio da conscientização, não será possível a sua concretização sem pensar na atualização histórico-cultural, que possibilita o desenvolvimento da personalidade e, por meio da linguagem, a construção da cognição. Existem argumentações presentes nas teorias de inúmeros autores sobre a importância da interlocução pela linguagem e a construção de sentidos “feita a dois”, impulsionando a necessidade de inserir este atributo humano nas práticas educativas cotidianas para possibilitar a apropriação da cultura.

Desta forma, ao pensar na integralidade humana, todos os sujeitos se constituem pela linguagem e colaboram com a sua transformação. Todas as múltiplas linguagens participam dessa construção, porém, a linguagem escrita merecerá destaque nesta edição, pois as relações interdiscursivas são a ponte entre o sujeito e a recriação da própria língua. Embora as artes visuais, cênicas e musicais tragam o maravilhamento e múltiplas apropriações, os entrelaçamentos das palavras realizados por escritores em suas obras literárias e os traços argumentativos dos estudiosos e pesquisadores provocam nossas mentes e desmancham nossas certezas, permitindo entrar em um labirinto de buscas, que envolve a razão e a paixão.

Para o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, escrever é imprimir a experiência de estar no mundo e abrir-se para ele, na ilusão de “tocar a completude”. Essa imagem recursiva trazida pelo autor reivindica a atitude humana e solidária de ler a realidade complexa, com múltiplos olhares e vozes diversas, buscando formas de deixar marcas suficientemente dóceis para serem movidas e removidas, em um movimento intenso e contínuo de complementar e complementar-se.

Desta forma, compreendendo e sentindo a importância de fluir e caminhar por palavras escritas, lendo e escrevendo, em um movimento contínuo de negociação de sentidos, torna-se uma necessidade humana encontrar formas de rejuvenescer o mundo e desenhar palavras ao escutar os sons do universo. Na última edição do ano de 2022, o Conselho Editorial provoca os leitores para que, considerando as ideias trazidas nesta carta, possam mergulhar olhares nos espaços e nos seres, escutar o silêncio do mundo, compartilhar histórias e reivindicar direitos, em um movimento educativo e pleno de buscar saber mais, sentir-se no mundo e vivenciar a democracia presente no encontro de vozes na leitura, na procura de palavras de encantamento que conectam a sensibilidade, e na criação de contextos polifônicos para o dizer.

Educação Integral:  
Reflexões sobre educação na perspectiva  
da integralidade humana

INEQ / FAEP  
VOLUME 1 - NÚMERO 23 – (DEZEMBRO DE  
2022)

Periodicidade: Trimestral

Os conceitos contidos nesta revista são de  
inteira reponsabilidade dos autores.  
É proibida a reprodução total ou parcial  
desta obra sem prévia autorização dos  
autores.

#### CONSELHO EDITORIAL

Profº Dr. Claudinei Aparecido da Costa  
Profº Dr. Clemente Ramos dos Santos  
Profº Dra. Vania Aparecida da Costa  
Profª Ms. Ana Maria Gentil

#### EDITOR CHEFE

Profº Dr. Claudinei Aparecido da Costa

#### REVISÃO E NORMATIZAÇÃO DE TEXTOS

Mariana Mascarenhas

#### CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vanice Aparecida da Costa

#### INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO e QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL – INEQ

Rua Santa Ângela, 252, Vila Palmeiras,  
Freguesia do Ó, São Paulo – SP - Cep:  
02727-000

Tel.: (11) 3564 1256

e-mail: educacaointegral@ineq.com.br

ISSN 2525-4294

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
INEQ Instituto Nacional de Educação e Qualificação Profissional /  
FAEP Faculdade de Educação Paulistana

Educação Integral    Revista do Instituto Nacional de Educação e Qualificação Profissional

Faculdade de Educação Paulistana n. 23 (Dezembro, 2022) São Paulo: INEQ/FAEP

Trimestral

Endereço eletrônico: <https://ineq.com.br/revista/>

ISSN 2525-4294

Wilma Aparecida Cavazini – Bibliotecária CRB 8 2665

# APRESENTAÇÃO

REVISTA EDUCAÇÃO INTEGRAL – DEZEMBRO DE 2022

Na última edição do ano de 2022 da Revista **“EDUCAÇÃO INTEGRAL: REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA INTEGRALIDADE HUMANA”**, o grupo organizador da revista e os autores dos artigos pretenderam compartilhar seus pensamentos com a finalidade de sensibilizar os leitores no que se refere à Educação Integral, que está vinculada à formação humanizadora. As palavras dos escritores dos textos possibilitam a potencialização de novas ideias, pois as escritas provocam a interlocução com as vozes dos leitores e suas contrapalavras, considerando que a construção de sentidos acontece nessa interação com o outro.

Os artigos apresentam temas variados, que podem ser utilizados para as reflexões dos profissionais da educação e de outros setores, dentro e fora de seus espaços de trabalho. Além do conteúdo, o leitor pode aproveitar para conhecer as formas do dizer e as intenções dos autores, explicitadas nas linhas e entrelinhas dos enunciados, compreendendo, de forma dialógica, os modos de ser, de se colocar no mundo e de interagir. Todos são atingidos, de alguma forma, pela intensidade da interlocução.

Assim, os escritores explicitam o seu compromisso com os leitores da revista, utilizando diferentes formas de estabelecer diálogos e de contribuir para a apropriação da diversidade de elementos culturais.

Para corroborar com a argumentação sobre a importância dialógica da linguagem oral e escrita, o texto **“DESENVOLVENDO A HABILIDADE DE LER E ESCREVER EM LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE CANÇÕES INFANTIS”** indica

possibilidades de organização didática para o desenvolvimento das potencialidades humanas, por meio da apropriação da linguagem e da língua escrita. O autor aponta a música como elemento indispensável no trabalho com as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental, considerando a sonoridade, o conteúdo das letras e as tramas poéticas das canções infantis. O autor relaciona o trabalho com a música e a Educação Integral. Propõe atividades para algumas músicas selecionadas, destacando as aprendizagens possíveis no trabalho com a leitura e a escrita e explicitando conhecimentos necessários: coesão e coerência, gênero textual, rimas e ampliação do repertório vocabular. Possibilita a reflexão sobre temas como: reciclagem, frutas e a alimentação, partes da casa.

Para possibilitar ao leitor uma reflexão sobre as origens da construção de uma língua, apontando aspectos históricos e culturais, foi elaborado o artigo **“FORMAÇÃO ETIMOLÓGICA DA PENÍNSULA IBÉRICA”**. Nesse texto, a autora possibilita que o leitor mergulhe na história ibérica como forma de compreender a constituição da sociedade brasileira e os aspectos que envolvem o domínio e a transformação da língua latina, ao longo dos tempos. A autora propõe o estudo da História da Etimologia para a compreensão de informações sobre a etimologia das línguas: portuguesa e espanhola. Possibilita um olhar atento para a estrutura de línguas latinas que trazem em sua constituição marcas de elementos culturais e sociais: “somos prisioneiros da nossa própria língua”. O artigo cons-

titui-se em um recurso valioso para pensarmos o ensino das línguas, considerando as transformações que ocorrem nas interações sociais, principalmente quando as práticas interlocutivas acontecem entre sujeitos de culturas, etnias e religiões diferentes.

Para ampliar as reflexões sobre a importância das escritas de autores que denunciam injustiças sociais e preconceitos, o artigo **“A FACE DO RACISMO EM CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO”** é uma preciosidade que possibilita o aprofundamento histórico, cultural, político e linguístico sobre os temas. O autor dialoga sobre as conceituações de racismo e indica ao leitor caminhos para percorrer os labirintos do romance de Lima Barreto. Apoiado pela pesquisa realizada, envolvendo vários estudiosos, o autor revela os motivos implícitos nos discursos da época para criticar a obra “Clara dos Anjos”, revelando questões sociais e discriminação contra negros e mestiços. Desta forma, os leitores desse texto poderão dialogar com o seu conteúdo significativo e com as formas de aprofundar um romance, apropriando-se das estratégias de análise da narrativa feita pelo autor do artigo.

No texto **“A JUVENILIZAÇÃO NA EJA”**, o autor trata de um tema instigante, principalmente porque considera a importância de retomar a integração e o trabalho pedagógico e humanizador com adolescentes de 15 a 17 anos e jovens de 18 a 21 anos, que frequentam a Educação de Jovens e Adultos (EJA), juntamente com outros alunos de idades mais avançadas. O autor realiza uma retrospectiva histórica da EJA no Brasil, destacando aspectos relevantes para se pensar em encaminhamentos políticos e pedagógicos para esta Modalidade de Ensino. O autor procura analisar a evasão e a retenção, a opção do adolescente e do jovem para um ensino

com estrutura curricular e didática, que possibilita uma finalização mais rápida dos Ensinos Fundamental e Médio. Propõe o repensar sobre as políticas públicas para combater a exclusão escolar e criar mais subsídios para o trabalho com jovens e adultos. Reivindica uma escola mais justa e igualitária, com qualidade social para todos, considerando as questões humanas e os preceitos constitucionais.

O texto **“AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL”** pode remeter o leitor a uma reflexão mais profunda sobre ações e reações infantis presentes nos espaços das instituições que atendem a pequena infância. Mergulhados em situações reais, os educadores, no coletivo, precisam pesquisar todo o contexto das relações que se estabelecem entre crianças e entre educandos e adultos, dentro e fora dos muros institucionais. Torna-se urgente a construção de políticas públicas para possibilitar a formação dos profissionais da educação e as condições objetivas de trabalho. Neste contexto, o Conselho Editorial convida os leitores para refletirem sobre a importância da Educação Integral, que se constitui por meio de concepções e ações antagônicas e complementares. Desta forma, o grupo organizador da revista espera que, por meio dos artigos desta edição, possa trazer aos leitores o maravilhamento de um mundo narrado por outrem e um desejo de mostrar pensamentos e sentimentos expressos em palavras escritas.

Desta forma, convidamos a todos para se unirem em defesa da escola pública de qualidade que, com suas propostas pedagógicas participativas, poderá ajudar na construção de um mundo menos desigual e uma sociedade que experencia de fato a democracia.

# SUMÁRIO

- 08 ▶ **DESENVOLVENDO A HABILIDADE DE LER E  
ESCREVER EM LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO  
DE CANÇÕES INFANTIS** - Anderson Gonçalves Pereira
- 17 ▶ **FORMAÇÃO ETIMOLÓGICA DA PENÍNSULA  
IBÉRICA - ETYMOLOGICAL FORMATION OF THE  
IBERIAN PENINSULA** - Simone Aparecida Fernandes Rosa
- 23 ▶ **A FACE DO RACISMO EM CLARA DOS ANJOS, DE  
LIMA BARRETO** - Maxwell dos Santos
- 31 ▶ **JUVENILIZAÇÃO NA EJA** - Diego Elias Santana Duarte
- 41 ▶ **AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**  
- Maria Aparecida de Souza Oshima



# DESENVOLVENDO A HABILIDADE DE LER E ESCREVER EM LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE CANÇÕES INFANTIS

Anderson Gonçalves Pereira

## Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar como as músicas infantis podem ser uma ferramenta muito útil para auxiliar os alunos a desenvolver a habilidade de ler e escrever, no Ensino Fundamental I. Para alcançar tal objetivo foram selecionadas três canções infantis da música popular brasileira e, a partir da análise da estrutura e organização delas, foram feitas sugestões de possível atividade a serem realizadas usando essas canções em sala de aula. Há ainda uma indicação de atividades já existentes e disponíveis para serem aplicadas relacionadas as músicas analisadas. O artigo também trata sobre a importância de se desenvolver a habilidade sonora, e do papel significativo que o ensino de música tem na escola regular para o desenvolvimento dos alunos em diversos aspectos.

Palavras-chave: Educação, música na escola, leitura e escrita.

## 1. INTRODUÇÃO

A música está presente em nosso cotidiano, seja em casa, na rua, nas lojas do comércio, em bares, restaurantes, nos comerciais de TV, em momentos felizes como festas de aniversário, casamentos e até mesmo em momentos tristes da vida como em velórios. A nossa vida é embalada por canções.

A música também está presente na escola, seja em datas comemorativas, nos momentos solenes nas quais cantamos o hino nacional, nas homenagens, antes de ir para o lanche, e brincadeiras.

Tendo esse fato como referência, o presente artigo tem o objetivo de tratar sobre a importância da música e das letras das canções no ambiente escolar e mostrar como elas poder ser usadas de modo a contribuir para o desenvolvimento das habilidades de ler e escrever, em Língua Portuguesa, principalmente no Ensino Fundamental I.

Para atingir tal objetivo, selecionaram-se três canções infantis: A casa, de Vinícius de Moraes, a canção Óh o lixo no chão, uma paródia da música Olha a explosão, do MC Kevinho, uma versão infantil com a personagem sapo Zé e sua turma, e por fim, Pomar do grupo Palavra Cantada.

Pretende-se mostrar que elas podem ser usadas como objeto útil para que os alunos desenvolvam as habilidades de ler e escrever, sendo um recurso inicial para gerar no aluno o prazer pela leitura.

Com base no referencial teórico o artigo aborda a importância da música nas práticas pedagógicas. Buscou-se embasamento teórico em

R. Marray Schafer, Carla Eugênia Lopardo e Rita Fucci-Amato para tratar sobre a importância da música e do cantar na escola e Elisa Guimarães e Marco Antônio Bomfoco para a análise sobre os conteúdos das canções e uso delas como ferramentas para melhorar a leitura e a escrita.

Em relação a sua organização, o presente artigo, primeiramente, apresenta uma discussão sobre o tema embasado no referencial teórico e a seguir se faz a análise do conteúdo e estrutura das três canções selecionadas, acompanhada por indicação de como elas podem ser usadas em sala de aula por meio de atividades realizadas pelos alunos para desenvolver a habilidade de ler e escrever. Pesquisou-se também exemplos de atividade já colocadas em prática em sala de aula com algumas das músicas escolhidas para análise.

## 2. DESENVOLVIMENTO

São diversos os benefícios que a música traz para o ser humano. Ela contribui para o desenvolvimento do raciocínio, pensamento criativo, desenvolvimento visual, autoestima, destreza corporal, habilidades emocionais e sociais, fala e linguagem, capacidade auditiva, atenção, concentração, sociabilização e para criar gosto musical e amor pela própria música.

De acordo com Schafer (2009), na introdução do seu livro *Educação Sonora*, educar os sentidos é muito importante e, principalmente, a habilidade auditiva, pois segundo o autor, o simples fato de termos ouvidos, não quer dizer que escutamos com qualidade, além disso, há uma relação direta entre a audição e a linguagem.

O tema objeto deste estudo é o som, e a tarefa é sugerir aos professores caminhos que possam auxiliar seus alunos a ouvir de maneira eficaz. Como músico tenho minhas razões para desejar que

isso aconteça; mas ouvir é importante em todas as experiências educacionais, sempre que mensagens verbais e auditivas sejam intercambiáveis. A escuta se dá em um processo contínuo, queiramos ou não, mas o fato de termos ouvidos não garante a sua competência. De fato, muitos professores me contaram que detectaram crescente deficiência nas habilidades auditivas de seus alunos. Isso é sério; nada é tão básico quanto a educação dos sentidos e, entre eles, a escuta é um dos mais importantes. (SCHAFER 2009, p.13)

Conforme o excerto anterior, há uma preocupação com o estudo do som, afinal vivemos cercados diariamente por diversos tipos de sons. No ambiente escolar, os sons também se destacam, não só na rotina diária, no barulho do sinal ou na conversa na sala de aula, mas a voz é usada constantemente para transmitir informações aos alunos em classe. No entanto, não há uma garantia de que os alunos estão realmente ouvindo o que está sendo dito e, se a audição deles não é eficaz, certamente a comunicação verbal será comprometida. Ciente da importância do desenvolvimento da habilidade de ouvir, a música assume um papel significativo na escola, pois os elementos que a compõe: harmonia, melodia e ritmo darão aos estudantes a possibilidade de melhorar a sua habilidade de ouvir.

Além de estar relacionada ao sentido auditivo, a música também é relevante para as práticas sociais e é considerada desde a Antiguidade um elemento não só integrador dos indivíduos da sociedade, mas também responsável por modelar a alma e o caráter conforme AMATO-FUCCI (2012):

Desde a Antiguidade clássica, as funções sociais da educação musical são louva-

das. Àquela época, a música era concebida como um fator integrador à política e à justiça, alto elemento espiritual e não menos presente nutriente da vida na polis. Na Grécia Antiga, tinha papel de destaque na educação dos cidadãos a música (mousiké) e a ginástica (gymnastiké), exercícios para a alma e para o corpo[...]. (AMATO-FUCCI, 2012, p. 13)

No Brasil, a música foi usada como ferramenta de ensino desde a colonização e não parou por lá. Ao longo da história do Brasil, a música se faz presente nas práticas educativas em diversos momentos da história, entre eles, cabe destacar no presente artigo a prática do canto na escola, como o canto orfeônico na educação musical escolar do Distrito Federal em 1931, referendado por Presidente Getúlio Vargas, tornando essa prática obrigatória na escola, conforme Amato-Fucci (2012):

O ensino do canto orfeônico destinava-se a desenvolver no aluno a capacidade de aproveitar a música como meio de renovação e de formação moral, intelectual e cívica. No início predominará o estudo prático, ensinando-se da teoria e do solfejo o que for indispensável ao desenvolvimento imediato dos alunos. Os cantos deverão ajustar-se à idade dos alunos, proporcionando-lhes o necessário meio de adestramento dos órgãos auditivos e da fonação e despertar-lhes o sentido ritmo. É recomendável a prévia leitura dos cânticos, para que se lhes facilite a compreensão do sentido e da expressão musical. Só depois de sabido o canto haverá comentários teóricos e musicais, corrigindo-se, então, os defeitos notados na execução do trecho, tendo-se particularmente em vista, o ritmo, a entonação e a dicção. Não se deve omitir a caracterização típica, quando se exigir a natureza

da canção, como por exemplo nas canções regionais baseadas em motivos de folclore. (AMATO-FUCCI, 2012, p.53)

Como se vê, o canto era usado para ajudar o aluno a desenvolver aspectos moral, cívico e intelectual, além disso, as regras de organização da disciplina são apresentadas, bem como a importância da adequação das músicas para as idades dos alunos e fica evidente o reconhecimento da necessidade de se treinarem os órgãos auditivos, a fonação e o sentido ritmo dos alunos, conclui-se então que desde de 1931, já havia o reconhecimento, por parte dos governantes do Brasil, dos benefícios da música na escola.

No contexto atual, o ensino de música está dentro da prática educativa brasileira, mas não de forma efetiva. Em documentos como Lei de Diretrizes (LDB) de 1996 e Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2015 podem ser verificadas as orientações sobre a obrigatoriedade do Ensino de Música na escola, com ênfase de que a música é uma disciplina desde os anos iniciais da Educação Infantil até o final do Ensino Médio, no entanto muitas escolas do país não têm um trabalho específico para a música e um professor específico da disciplina.

Lopardo (2018) em seu livro *A música na Escola: Tempos, Espaços e Dimensões* apresenta por meio de sua pesquisa e entrevista com alunos dados que comprovam o quanto é significativo a música dentro da escola:

[...] Para os alunos, a presença da música na escola se manifesta tanto nas aulas de educação musical – dos laboratórios de música na escola, nos ensaios fora da hora – como nos recreios e nos cantos do pátio, no desenvolvimento de algum trabalho prático, nas horas vagas, na entrada e saída do colégio. Percebem a música na escola como parte do seu co-

tidiano o que significa a abertura de espaços e tempos de comunicação, diálogo, expressão, criatividade, noção de grupo, respeito de normas e regras entre outros fatores. Isso representa um dos grandes aportes que a música pode proporcionar no ambiente escolar. (LOPARDO, 2018, p.279)

Conforme visto, a música no ambiente escolar contribui para formação social do aluno, na melhora de sua habilidade de comunicação, expressão e criatividade, além disso, fortalece o relacionamento interpessoal.

Cabe também destacar o papel do canto coral na escola, tal prática pode ser estimulada em sala de aula ou em oficinas específicas. O canto coral é uma ferramenta muito útil para o desenvolvimento de habilidades como: leitura, escrita, concentração, memorização, paciência, expressão oral e corporal. Conforme Oliveira (2012) em sua pesquisa realizada pela Unicamp, o canto coral na escola contribui para o aumento da expressividade, e da sensibilidade dos alunos.

Ainda segundo dados da pesquisa, aspectos que dizem respeito a formação global como concentração, capacidade de se comunicar, interação e respeito aos colegas do grupo foram alcançados com a prática do canto coral.

Portanto, o referencial teórico apresentado contribui para reforçar a tese de que a prática musical e a presença da música por meio de canções na escola é um elemento essencial para a formação dos alunos em diversos aspectos, e só traz benefícios para todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem.

## 2.1 Análise das canções infantis para usar em sala de aula

A primeira canção analisada é A Casa, do Poeta Vinícius de Moraes, um clássico da música popular infantil brasileira e foi gravada em 1980. Era um poema e foi musicado por Toquinho. A canção descreve uma casa considerada muito engraçada, pois ela não tinha nada. De acordo com a matéria publicada no site Folha Uol em 19 de outubro de 2013, o poema foi inspirado em um castelo localizado no Uruguai, chamado de Casapueblo, criado pelo artista Carlos Vilaró.

O artista era amigo do poeta Vinícius que acompanhou a construção do castelo e cada vez que visitava a obra achava muito estranho a construção, sendo assim, essa obra foi a inspiração para o poema que virou música, segundo a matéria e o depoimento de Carlos Vilaró. A matéria pode ser acessada na íntegra em <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/10/1358732-casa-muito-engracada-da-musica-de-vinicius-de-moraes-existe-de-verdade.shtml>. É possível também ver a foto do castelo.

Diversas atividades podem ser realizadas com a música, além da leitura da letra. Uma delas é o reconhecimento da estrutura e linguagem do gênero literário poesia ou a função poética da linguagem. De acordo com Bomfoco (2014):

Função Poética: é também chamada estética. É aquela que centra sobre a própria mensagem. Note que, como forma de arte, as palavras podem propiciar beleza. Esta função não ocorre somente na poesia; pode ser encontrada em textos publicitários, por exemplo. É tudo o que se suplementa a mensagem de um modo mais “palpável”: estrutura, tonalidade, ritmo, sonoridade, etc. É tudo o que inova ou dá um caráter imprevisto à elaboração da mensagem. Na poesia, por exemplo, a função poética manifesta-se essencialmente por meio do ritmo, do jogo das sonoridades e das imagens. (BOMFOCO,

2014, p.18)

Pode-se trabalhar o conceito de rima com alunos do 4º e 5º do Ensino Fundamental I, pois se trata de um poema. Após de definir o conceito de rima e dar alguns exemplos para os alunos, aplica-se a seguinte atividade:

ESCOLA: \_\_\_\_\_  
PROFESSOR(A): \_\_\_\_\_  
SÉRIE: \_\_\_\_\_  
EU SOU: \_\_\_\_\_

MEU AMORI  
COMPLETE A POESIA COM AS PALAVRAS QUE ESTÃO FALTANDO.

**A CASA** (VINÍCIUS DE MORAES)

ERA UMA   
MUITO ENGRAÇADA  
NÃO TINHA   
NÃO TINHA NADA  
NINGUÉM PODIA ENTRAR NELA NÃO  
PORQUE NA CASA NÃO TINHA   
NINGUÉM PODIA DORMIR NA   
PORQUE NA CASA  
NÃO TINHA   
NINGUÉM PODIA  
FAZER   
PORQUE PENICO NÃO  
TINHA ALI  
MAS ERA FEITA  
COM MUITO ESMERO  
NA RUA DOS BOBOS  
NÚMERO



Figura 1: Modelo de atividade usando a música A casa, de Vinícius de Moraes  
Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/38632509282728960/>> Acesso: 18 de maio de 2019.

Através dessa atividade, o aluno irá melhorar sua capacidade de memorização, já que a letra da canção está faltando algumas palavras, e não há opções de palavras para serem escritas, logo o aluno terá que cantar a música, lembrar da sonoridade do vocabulário, praticar o conceito de rima, e lembrar qual palavra está associada com o som da palavra anterior ao espaço vazio a ser preenchido, por exemplo, esmero combina com zero.

A leitura também é uma habilidade a ser treinada na atividade anterior, pois não se pode escrever qualquer palavra no espaço vazio, o termo preenchido deve ser o correto para que a

música tenha o sentido desejado. Mesmo que o aluno se lembre de uma palavra com o som semelhante esse vocábulo não pode ser usado, pois não completará a ideia da canção, como nos trechos ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. A relação entre rede e parede é fundamental para o sentido do texto.

Em uma atividade como esta, o aluno já está praticando sem saber os conceitos de coesão e coerência textual. Segundo Guimarães (2009):

Do texto bem-arquitetado com estruturas bem formalizadas, e, por conseguinte, capazes de veicular sentidos, decorrem a coesão e a coerência – que são as dimensões constitutivas do texto. (GUIMARÃES, 2009, p.15)

O texto de A casa é um ótimo exemplo do uso da coesão e da coerência. A coesão é verificada por meio da conexão entre as palavras escolhidas para compor as frases, o poeta explora os sons por meio das rimas, e cria uma imagem de uma casa engraçada, como se vê no trecho “Era uma casa muito engraçada, não tinha teto não tinha nada”, o fato de uma casa não ter teto e algo estranho.

A coerência é confirmada quando o autor usa o nome de objetos e ações que ocorrem em uma casa para justificar os motivos pelos quais a casa é engraçada, nota-se a preocupação da seleção vocabular para justificar a afirmação: “Ninguém podia fazer pipi, por que pinico não tinha ali”, estabelece-se a relação de dependência entre ter pinico e fazer pipi no lugar, sendo uma combinação coerente das palavras. A expressão “fazer pipi” torna o texto próximo ao seu destinatário, que é o público infantil.

Para tratar sobre a imagem da casa, há um vídeo ilustrado da música e pode ser acessado em [https://www.youtube.com/watch?v=jb5z\\_](https://www.youtube.com/watch?v=jb5z_)

TyJfw. O vídeo é um bom recurso para aplicar em sala de aula, pois já contém a letra da música e uma ilustração de como seria a casa descrita no livro.

Com alunos do 4º e 5º ano, pode-se também acessar o endereço <https://www.letras.mus.br/blog/a-casa-vinicius-de-moraes/>, ler um artigo que pode ser usado como lição de casa ou completo durante a aula, mostrando curiosidade sobre a existência da casa descrita no texto e na música.

Com os alunos do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I a canção é sugerida para a ampliação do repertório vocabular relacionado as partes de uma casa. Com o 3º ano do Ensino Fundamental I é possível introduzir o gênero textual descrição. O professor elabora uma atividade na qual o aluno tenha que descrever como é a casa onde ele mora ou em artes trabalhar a ilustração do local onde o aluno mora e escrever os nomes dos cômodos, bem como objetos encontrados em cada cômodo.

A imagem a seguir é um modelo de atividade que pode ser realizada com o 1º ano do Ensino Fundamental I para ampliar o repertório vocabular relacionado as partes da casa, leitura de texto e imagens e memorização.

Figura 2: Modelo de atividade usando a música A casa, de Vinícius de Moraes - Disponível em: <<http://renovarsesempre.blogspot.com/2011/03/poesia-casa-de-vinicius-de-moraes.html>>. Acesso: 18 de maio de 2019.

A próxima canção analisada é a paródia da música Olha a explosão, do MC Kevinho. Uma versão infantil da música com a personagem sapo Zé e sua turma intitulada Óh o lixo no chão. A música original do MC Kevinho pertence ao gênero musical funk, e devido ao seu ritmo envolvente e uma melodia que se aprende com facilidade e permanece por um bom tempo na memória, ela se popularizou no Brasil e atualmente tem 904.723.431 visualizações no canal do Youtube do artista.

A paródia está disponível no canal do Youtube chamado Aquarela Kids com título Óh o lixo no chão, sendo acessada pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=1qbTY5kMaic>. No canal é possível encontrar a música é um vídeo clipe que tem o objetivo oposto da música Olha a explosão, do MC Kevin, que é o de fazer uso da música apenas como entretenimento. Essa é uma das características do gênero paródia, pois a partir de um texto ou obra já conhecida ou consagrada, se cria outra para subverter o sentido do original.

Na paródia, o ritmo envolvente e a melodia que se aprende com facilidade e permanece por um bom tempo na memória, e é utilizada para ensinar as crianças sobre reciclagem e para não jogar lixo em lugares inadequados. A seguir temos a letra da paródia:

Óh o lixo no chão

O sapo Zé tem uma dica, ele é especialista

Em cuidar do meio ambiente todo dia

O sapo Zé tem uma dica, ele é especialista



ERA UMA MUITO ENGRAÇADA  
NÃO TINHA TETO  
NÃO TINHA NADA  
NINGUÉM PODIA ENTRAR NELA, NÃO  
PORQUE NA NÃO TINHA CHÃO  
NINGUÉM PODIA DORMIR NA   
PORQUE NA NÃO TINHA PAREDE  
NINGUÉM PODIA FAZER PIPI  
PORQUE NÃO TINHA ALI  
MAS ERA FEITA COM MUITO ESMERO  
NA DOS BOBOS  
NUMERO ZERO.

Olha o que ele faz com seu lixo todo dia  
Olha o que ele faz com seu lixo todo dia  
Cada lixo vai pra um lugar, preste atenção  
Plástico, vidro, metal e papelão  
Óh o lixo no chão  
Aí não pode não pode jogar lixo não  
Isso é falta de educação  
Toma cuidado e presta atenção  
Tem que tirar e esse lixo do chão, chão,  
chão

Nota-se já no título da música a intenção de orientar, pois a forma como o título é escrito transmite a sensação de se ter alguém falando com você “Óh o lixo no chão”, soa como uma advertência, chamada atenção ou orientação, e em uma linguagem coloquial, muito próxima da oralidade, dando a impressão de que alguém está falando diretamente com o receptor do texto.

Na letra, o personagem sapo Zé é apresentado como um especialista na tarefa de cuidar do lixo. Ele é o emissor da mensagem para o público infantil, ele é a referência. Na letra da paródia a criança é convidada a observar atitude do sapo, além disso é motivada a fazer igual ao sapo, como se vê no trecho: “O sapo Zé tem uma dica, ele especialista / Olha o que ele faz com seu lixo todo dia”.

Em seguida a criança é orientada a colocar cada lixo em um lugar correto. Explica-se que há um lugar para plástico, vidro, metal e papel. Por meio do ritmo e das rimas, a mensagem se fixa na mente da criança e certamente ele lembrará de colocar o lixo no lugar certo e evitará jogar o lixo no chão, afinal, é falta de educação.

Observe também que no final do último verso tem a repetição do termo chão: “Tem que tirar e esse lixo do chão, chão, chão”, a repetição proposital intensifica a mensagem transmitida.

Diversas atividades, desde o 1º ano do Fundamental I até o 5º podem ser realizadas com essa música. No entanto, uma atividade efetiva e interdisciplinar poder ser realizada com a música sobre a temática reciclagem, atrelando língua portuguesa, artes, ciência e educação física.

Um projeto sobre a importância da reciclagem pode ser desenvolvido na escola. Em língua portuguesa a criação de cartazes com mensagens sobre reciclagem pode ser espalhada pela escola, treinando assim a escrita. Em artes, os cartazes são decorados, é possível fazer latas com as cores destinadas para jogar cada tipo de lixo.

Em ciências explica-se a importância de reciclagem para o meio ambiente, mostra-se vídeos sobre cooperativas que trabalham com lixo reciclado e até mesmo programar uma visita a uma delas para mostrar para as crianças o que acontece com o lixo reciclado, e ensinar que o lixo jogado fora pode gerar renda para muitas pessoas.

Por fim, em educação física, é possível montar uma coreografia com música e fazer uma apresentação na escola para reforçar a ideia de limpeza e preservação do meio ambiente.

A última canção analisada é a música Pomar, do grupo Palavra Cantada. A música fala os nomes das frutas e, respectivamente, o nome da árvore responsável por produzir o seu fruto, por isso, a canção é denominada Pomar. Um vídeo clipe da música pode ser encontrado em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfinwr3A9fg>

### **Pomar - Palavra Cantada**

Banana, bananeira  
Goiaba, goiabeira  
Laranja, laranjeira

Maçã, macieira  
Mamão, mamoeiro  
Abacate, abacateiro  
Limão, limoeiro  
Tomate, tomateiro  
Caju, cajueiro  
Umbu, umbuzeiro  
Manga, mangueira  
Pêra, pereira  
Amora, amoreira  
Pitanga, pitangueira  
Figo, figueira  
Mexerica, mexeriqueira  
Açaí, açaizeiro  
Sapoti, sapotizeiro  
Mangaba, mangabeira  
Uva, parreira  
Coco, coqueiro  
Ingá, ingazeiro  
Jambo, jambeiro  
Jabuticaba, jabuticabeira

Por meio da canção é possível ampliar o repertório relacionado aos nomes das frutas e identificar os nomes das árvores responsáveis por produzir o fruto. Parece algo simples, mas no contexto atual, principalmente nas grandes metrópoles, muitas crianças não têm acesso a vida rural e acham que todas as frutas são encontradas no mercado, sacolões ou feiras livres, sem saber qual é a origem delas.

A repetição e o ritmo da música ajudam na memorização dos nomes das frutas e das respectivas árvores responsáveis por produzir o fruto. São 24 nomes de frutas e 24 nomes de árvores. Uma atividade interessante é a produção de um jogo de memória com as imagens das frutas, os nomes delas e os das árvores produtoras para os alunos brincarem em pares, trios ou quartetos.

A canção contém 24 nomes de frutas e 24 nomes de árvore. Pode-se usar a música, pedir

para os alunos passarem uma bolinha um para o outro enquanto a música toca. Pare a música em um determinado trecho. Quando a música parar o aluno de posse da bolinha deverá dizer o nome das árvores que produz a fruta mencionada na canção.

Essas atividades são lúdicas e contribuirão para melhor interação social entre os alunos e eles terão maior satisfação em estar em sala de aula.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo a partir do referencial teórico apresentado, mostrou a importância da educação sonora, e que esta deve ocorrer também na escola, pois o som está diretamente associado à fala, e à comunicação, logo se a habilidade de ouvir não for apurada, a comunicação será comprometida.

Ainda com base no referencial teórico, buscou-se destacar o significativo papel que a música tem no cotidiano escolar e como seu uso pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos em diversos aspectos.

Procurou-se também mostrar um exemplo do uso da música como disciplina obrigatória realizado em 1931 durante o governo do Presidente Getúlio Vargas, no Distrito Federal e o reconhecimento por parte das autoridades do país sobre a relevância do ensino de música nas escolas regulares naquele contexto.

O referencial teórico também deu base para enfatizar o quanto a música contribui para a melhora do convívio social entre os alunos e para a preservação da ordem e organização dos alunos no ambiente escolar.

Por meio da análise das três canções selecionadas, comprovou-se o quanto as canções e suas

letras podem contribuir para o desenvolvimento da habilidade de ler e escrever dos alunos. Na primeira canção analisada A casa, nota-se a eficácia do uso da letra das canções para desenvolver a memorização do aluno, trabalhar os diversos gêneros literários, como a poesia sua estrutura, forma e a linguagem poética, a partir do texto o professor pode apresentar o conceito de rimas, coesão e coerência.

A segunda canção apresentou a paródia “Óh o lixo no chão” como um recurso útil para orientação dos alunos em relação a preservação do meio ambiente, e como é possível por meio de uma canção realizar um trabalho interdisciplinar e elaborar um projeto que envolve não só os alunos e o desenvolvimento de suas habilidades, mas também toda uma unidade e comunidade escolar.

Por fim, a última canção, Pomar, contribui para a ampliação do repertório vocabular dos alunos relacionado às árvores e frutas, ademais ajuda o professor a elaborar um trabalho voltado sobre a reflexão das diferenças na vida no campo e nos grandes centros urbanos, onde há um excesso de pavimentação do solo, poucas árvores, principalmente as frutíferas. Assim, a música Pomar leva o aluno a refletir sobre as frutas e sua origem, tendo acesso a um conhecimento que não é comum ao seu cotidiano.

Todas as atividades sugeridas no presente artigo são interessantes para os professores aplicarem em classe. Foram diversos os recursos utilizados para realizá-las, fez-se uso de sites da internet, músicas, vídeo, jogos. Tais recursos ajudarão o professor na elaboração de aulas e as tornarão mais dinâmicas e prazerosas.

## REFERÊNCIAS

### Livros e Artigos

AMATO-FUCCI, Rita. Escola e Educação Musical:(Des)caminhos Históricos e Horizontes. 1ª edição, São Paulo: Editora Papirus, 2012.

BOMFOCO, Marco Antônio. Aprendendo Português Através de Gêneros Literários. Poesia. Rio de Janeiro: Editora Buqui, 2014.

GUIMARÃES, Elisa. Texto, discurso e ensino. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

LOPARDO, Carla Eugenia. A música na Escola: Tempos, Espaços e Dimensões. Curitiba – PR: Editora Appris, 2018.

OLIVEIRA, Cleodiceles Branco Nogueira de. A prática do canto infantil como processo de musicalização. Campinas,Sp [s.n], 2012.

SCHFER, R. Murray. Educação sonora:100 exercícios de escuta e criação de sons. Tradução de de Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

### Sites da internet

Casa muito engraçada de Vinicius de Moraes existe de verdade. Disponível em:< <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/10/1358732-casa-muito-engracada-da-musica-de-vinicius-de-moraes-existe-de-verdade.shtml>>. Acesso: 18 de maio de 2019.

Música A casa de Vinicius de Moraes. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jb5z\\_TyJfw](https://www.youtube.com/watch?v=jb5z_TyJfw)> .Acesso: 18 de maio de 2019.

Música Óh o lixo no chão. Aquarela Kids. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=1qbTY5kMaic>>. Acesso: 18 de maio de 2019.

Música Pomar. Palavra cantada. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=k-finwr3A9fg>>. Acesso: 18 de maio de 2019.



# FORMAÇÃO ETIMOLÓGICA DA PENÍNSULA IBÉRICA

## ETYMOLOGICAL FORMATION OF THE IBERIAN PENINSULA

Simone Aparecida Fernandes Rosa

### ABSTRACT

The issue of the etymological formation of the Iberian Peninsula is a topic in vogue in academic environments and ends up fostering a series of debates among specialists in the field about its characteristics and historical relevance. In fact, we must emphasize the importance of Iberian history to understand Brazilian society in its path: the mastery of the Latin language; important cultural aspects such as insanity and modesty; a mixture of nationality, culture and religion. In a clear and direct way, the present work has as main objective to promote a historiographical debate among authors that deal with the theme involving the formation of the Iberian Peninsula and its consequences. Therefore, it is essential that the researches presented here have a scientific relevance in the development of the theme, in order not to fall into shallow and unfounded discussions. Finally, it is expected that the text fulfills its role and can be placed on the same table as the experts referenced here, so that in the future it can also serve as bibliographic material for further research.

Key Words: Antique; Society; Iberian Peninsula; Romans.

### INTRODUÇÃO

Antes de nos aprofundarmos em questões de linguagem, como o surgimento de uma palavra ou

sua aplicação prática a uma língua, é necessário conhecer um pouco da história do país em que ela é falada como língua materna. A Península Ibérica, onde agora fazem parte Portugal e Espanha, não passava de uma região composta por vários estados e reinos, sendo os principais Leão, Castela, Aragão e Navarra, ordenada pelo rei Afonso VI. Os romanos chegaram à península no século III a. C. e aí residiram até o século V d.C., quando sofreram nas mãos de invasores bárbaros. Durante o domínio romano, a península foi fortemente influenciada pela cultura e cultura romana ("romanização") em que o latim (vulgar e clássica) desempenhou um papel importante, facilitando a comunicação entre os vários povos que viviam na área e tornando-se a língua oficial.

Após o período romano, o reinado dos visigodos, que durou até o século VIII, quando os árabes invadiram o Estreito de Gibraltar e a Península Ibérica, onde deixaram símbolos permanentes de sua cultura, incluindo a língua. Estas influências, juntamente com a cultura céltica e lusitana, bem como a protolíngua, o galego-português, desenvolveram a língua portuguesa, que se estende da região da Galiza ao sul da península, tornando-se posteriormente a língua oficial do império Português, por decisão de D. Dinis, pouco depois do fim das Guerras de Reconquista, e contra Leão e Castela. A língua portuguesa, a partir daí, tornou-se muito popular.

Segundo Dhondt (1984)<sup>1</sup>, em meados do século VIII, após o início tumultuado da Idade Média, a situação parecia estável no continente europeu. Depois de muito debate, algumas pessoas conseguiram estabelecer seu poder, entre eles os visigodos. O local que eles estavam construindo tinha uma estrutura interna considerada resistente em comparação com outras áreas. Além disso, eles governaram a região por mais de dois séculos, uma característica que provou o poder dos godos, como grandes guerreiros.

A região Ibérica, provavelmente devido à sua localização geográfica, foi vítima de vários conflitos civis na Antiguidade e no início da Idade Média. Os romanos esperavam conquistá-lo, mas não tiveram completo sucesso. Pessoas que viviam na Península Ibérica, antes do domínio romano, mantinham “hábitos primitivos” e eram fortemente contra a derrota. Como resultado, a região foi considerada mais modesta pelas pessoas que tentaram conquistá-la, e as dificuldades de governança e poder foram sentidas pelo Império Romano<sup>2</sup>.

Segundo Ferreira<sup>3</sup>, Dom Henrique de Borgonha, de origem húngara, vai se casar com a princesa Teresa, filha de Afonso VI, rei de Aragão. Na sequência do casamento, a 9 de abril de 1097, D. Henrique conquistou o território de Portucale, antigo posto fiscal romano: situado na foz do rio Douro, entre os rios Minho e Tejo. Guardou-o até que o filho Afonso Henriques, depois da morte do pai, já na velhice, o conquistou lutando contra as forças da mãe, Dona Teresa, sem intervenção estrangeira. Após a independência, o Rei D. Afonso I estabeleceu o reino de Portugal e cria a Monarquia Lusitana, em 1140, meados do século XII. Na época, a língua dominante era o galego-português - na região noroeste da Península, onde fica a atual Galícia espanhola - e de onde vinha o castelhano, perto do Basco.

Ambas as línguas são derivadas do latim vulgar, falado na Península desde a invasão e o domínio romano. Vale lembrar que entre o domínio romano da Península e a independência de Portugal, houve um período de invasão árabe, que se estendeu de sul a norte da região. Porém, a influência árabe, tanto linguística quanto culturalmente, foi forte no Sul, usando o chamado moçárabe (palavra árabe que significa “submissão aos árabes”): termo usado pelos muçulmanos ao se referirem aos Cristão conquistados.

Pela diversidade de povos, culturas e dialetos, comuns a novas nações, como foi o caso de Portugal, entendemos que a língua portuguesa sofreu, ao longo do tempo, uma série de mudanças. Assim, a era da Reconquista (c. Entre 722 e 1492) não foi apenas instrumental no desenvolvimento de um grande caldeirão de cultura, mas também no surgimento de novas palavras, tanto em latim como em árabe, bem como na compilação destes em uma nova língua que surgira: o português moderno.

Do ponto de vista metodológico, o presente estudo irá promover uma discussão historiográfica direcionado a uma análise qualitativa, a fim de enriquecer o corpo textual com ideias ricas e concretas. Com o objetivo de se colocar como um estudo contemporâneo, será trazido para a discussão autores que consigam manter a contemporaneidade em seus estudos, com ideias com consigam romper a questão do tempo e se manter como atual por muito tempo, para que, futuramente, possa servir de inspiração a novas pesquisas que queiram utilizar o presente estudo como referencial teórico para suas novas pesquisas e abordagem.

A busca por esses trabalhos será feita por meio dos bancos de dados das universidades, sites especializados em publicar artigos científicos e em obras já publicadas que vão de encontro

ao tema aqui proposto. Trabalhos experimentais e teses serão excluídos, uma vez que é pretendido tratar apenas de casos concretos, não havendo espaço para discussões sem relevância científica.

## DESENVOLVIMENTO

Os estudos etimológicos nunca foram completamente independentes da pesquisa linguística, embora tenham um método próprio, que será apresentado no contexto histórico neste artigo. O conhecimento da História da Etimologia é fundamental para o futuro desenvolvimento da informação etimológica da língua portuguesa e espanhola.

Étimo é comumente usados em palavras gregas, como fonética ou grupos de palavras, que são agrupados na formação do pensamento. Nesse processo, vários sons são adicionados, subtraídos, modificados ou alterados à vontade. As letras do étimo e a palavra que está sendo estudada costumam ter algumas semelhanças. O acento não tem qualquer função ou papel, e deslocamentos nunca são explicados. Sócrates diz que a corrupção da primeira palavra se deve à "beleza". Em casos extremos, as origens bárbaras são promovidas. A pronúncia inadequada de todas as frases é comum na etimologia. E expressões fictícias aparecem em muitas conversas. Muitos étimos são encontrados em adjetivos ou ações, direta ou indiretamente, que podem representar a essência do objeto. Mais impressionantes são as muitas etimologias indistinguíveis; já que, muitas vezes, podem refletir os diferentes ângulos da mesma pessoa.

Outro fator a se considerar é a mudança nos pontos vocálicos da preposição e dos prefixos, usados para enfatizar a tese da anomalia. Incapaz de ver claramente as leis que regem a apofonia, ele assume que há uma relação ale-

atória entre as vogais do étimo e as da palavra definida. No entanto, é preciso lembrar que a Etimologia quase sempre se reduz à especulação.

Ao longo do tempo, pesquisadores ligados aos campos da etimologia, filologia e literatura, têm feito grandes esforços em estudos mais detalhados da questão da palavra, tanto em termos de sua origem etimológica quanto de seu campo semântico. O presente estudo, portanto, visa apresentar mais considerações sobre o assunto, sob uma perspectiva diferente da apresentada até agora, descrevendo, de forma histórica e etimológica, onde as possibilidades latinas e árabes se dividem e a qualquer momento se complementam, retendo suas características individuais.

Destaca-se aqui a adequação da história Ibérica à compreensão da sociedade brasileira em seu curso: a riqueza da língua latina; aspectos culturais importantes como patriotismo, unidade e formas de subordinação social; mistura étnicas, culturais e religiosas. Portanto, qual é então o papel da história ibérica neste contexto? A Antiguidade e a Idade Média vêm ganhando cada vez mais atenção nos estudos e artigos acadêmicos de pós-graduação, na pesquisa em educação geral, e com bons resultados no Ensino Fundamental e Médio. Isso é muito importante para Língua e Literatura, e para a História, neste caso está intimamente relacionado e entrelaçado, e, por isso, é aconselhável iniciar um estudo de tema por meio dessa interconexão. O latim está no centro disso, como evidenciado pelo conceito latino-americano<sup>4</sup>. Trata-se da antiga língua e da literatura latinas, mas também das línguas românicas em geral, bem como as da Península Ibérica, com destaque para o português e o castelhano e sua literatura.

A história é composta por textos que se lidos

e compreendidos no original, razão pela qual este conhecimento do latim, do galego-português e do espanhol também é importante na História. Distribuir conceitos básicos aos alunos ajuda a construir um cidadão instruído e sensível. Não é de estranhar que Auto da Barca do Inferno (1531), de Gil Vicente (1465-1536), com a sua crítica social e referências clássicas como Luciano e o Diálogo dos Mortos (século II d.C.), seja uma presença recorrente da leitura escolar, e para uma leitura fundamentada há necessidade de tratar do latim (e do grego!), mitos antigos, literatura ibérica, história ibérica do Oriente Médio e muito mais. Somos todos prisioneiros da nossa própria língua e pensar nisso é o princípio e o conhecimento básicos desta herança ibérica: latim (e grego!), português e castelhano, pelo menos<sup>5</sup>.

Depois, há os elementos culturais desenfreados da Península Ibérica, como patrimonialismo<sup>6</sup>, compadrio<sup>7</sup> e formas de submissão social (clientelismo, caciquismo / caudilhismo). Não há consenso entre os estudiosos sobre a importância desses aspectos culturais, especialmente em vista do poder todo-poderoso do capitalismo, que rege as relações públicas entre os Estados Unidos e a China. Como complemento ao estudo aqui desenvolvido, é válido salientar a importância de pensadores e estudiosos desse período supracitado.

No século XV, especialmente em 1492, Elio Antonio de Nebrija (1444-1522)<sup>8</sup>, pseudônimo de Antônio Martínez de Cala y Xarava, lançou um livro sobre Etimologia de grande valor na língua portuguesa. O autor percebeu que o castelhano e o português haviam, de fato, se tornados um latim modificado. A palavra "corrupção" (fragmentação ou ato de quebrar em pedaços) usada na Reforma deveria ser entendida não como uma deterioração, mas como uma mudança provocada pelo mesmo tipo. A correlação entre as letras, apoiada no modelo de tradução do castelhano para o latim, identi-

fica certas regras que antecederam as regras fonéticas do século XIX. A taxa de sucesso é impressionante.

Com o advento da gramática ítalo-francesa, a gramática ibérica do século 16 rapidamente se voltou para a questão da grafia. Duarte Nunes de Leão (c1530-1608)<sup>9</sup> publicou o livro Ortografia da Língua Portuguesa (1576), no qual a pesquisa etimológica é prenunciada em algumas passagens, especialmente no terceiro capítulo, fortemente influenciado pela "corrupção" de Nebrija. Refletindo sobre as mudanças ocasionadas pelas palavras no tempo, Nunes de Leão publicaria posteriormente outro livro, inteiramente dedicado ao assunto, A Origem da Língua Portuguesa (1606).

Qualquer leitor familiarizado com as ideias apresentadas pela Historiografia não deixará de se maravilhar com o livro de Nunes de Leão, que, do ponto de vista da história humana e da história interna portuguesa, não deixam nada a dever às obras novecentistas.

Em Nebrija<sup>8</sup>, suas quatorze variedades mostram a mudança da própria linguagem. Há uma transição consistente da linguagem escrita para a linguagem falada. A chamada "parentesco das letras" é a base da modificação fonética observada pelo autor, que transformou o trabalho etimológico em um mais detalhado. Usando toscano, castelhano e português, ele compara as interações de cl, fl, pl em tabelas que pretendiam mostrar "proporção" da comunicação entre as línguas, portanto, o autor conclui que "comparando e correspondendo uma língua com outras" você pode saber a origem de algumas palavras"

Nunes<sup>9</sup> apresenta sua tese diacrônica em apoio ao conceito de linguagem no processo evolutivo: "Como em todos os seres humanos há uma contínua transformação, assim como a lingua-

gem, pois a mesma linguagem faz muitas mudanças nas palavras, ao longo do tempo, fica parecendo outra língua”. Essa transformação das línguas ocorreria abandonando algumas palavras, substituindo-as ou modificando-as. As línguas se modificavam consideravelmente na passagem do tempo.

Os tipos de corrupção elencados por Nunes são mais difundidos do que os de Nebrija, pois não se limitam à corrupção das palavras. Fale-se sobre como muda de suas terminações (lat sermo > sermão, lat prudens > prudente), de modificações por diminuição de letras ou sílabas (lat mare > mar, lat nodo > noo, lat sagitta > setta), de acréscimo de letras ou sílabas no início, meio e fim da palavra (lat umbra > sombra, lat stella > stella, lat cor -> coração), de troca e transformação de letras (lat ecclesia > igreja, lat desiderium > desejo, lat \*cupiditiam > cobiça e muitas já citadas), de troca de letras por outras não semelhantes (lat mimus > momo, lat pustula > bostela, lat cumulare > cogular) e de deslocamento de letras de um lugar para outro (lat fenestra > feestra, lat feria > feira, lat vicario > vigairo, lat niger > negro, lat pauper > pobre).

Nesse sentido, metaplasmos e outras estatísticas verbais são utilizados nas leis da corrupção, sem explicitamente declará-los. Assim, a modificação também pode ocorrer em outros contextos, pois pode haver corrupção pela mudança de gênero (cor, flor, moldura, nariz, lacryma), pela mudança do número (arma, escada, barras, grades), pela mudança do significado de lat mácula > malha ≈ tristeza ≈ mancha, lat pulvere > poeira ≈ pólvora), usando a definição errada (lat fur ~ latro > ladrão, lat vocare ~ clamare > vocação etc.), metáfora (nariz, taludo, olho vivo) etc.

O momento notável dessa observação deixa claro que muitos escritores dos séculos XIX e

XX usaram o pensamento e até os exemplos de Nunes, fazendo longas listas, em parte confusas, mas com um grande número de respostas adequadas, de palavras do latim, grego, árabe, francês, italiano, alemão, hebraico, sírio e godo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo de palavras aqui apresentado, estamos particularmente focados no campo etimológico. Apostamos na transformação histórica da palavra, seguindo os princípios da investigação científica, com base em fatos cronológicos comprovados. A região da Península Ibérica, após a invasão do muçulmana, tornou-se um caldeirão de diferenças étnicas e culturais, apesar das diferenças dentro da região e de seus limites fronteiriços. A mistura trouxe um impulso especial para a região no que se refere à sua organização interna nas esferas administrativa, religiosa e política.

Acima de tudo, talvez, a mistura de raça, cultura, religião e, em particular, etimológica deva estar relacionada com a Península Ibérica. O mundo romano é um exemplo claro disso, mas muitos outros, com conexões indiretas, podem ser ditos, como a civilização otomana. No nosso caso, entretanto, o que Fernando Ortiz (1983) poderia chamar de “Transculturação” está relacionado a esses eventos ibéricos.

Já é de comum entendimento histórico e geográfico que toda língua passa por constantes mutações e evoluções. Cientificamente falando, esses eventos, chamados de metaplasmos, são mudanças fonéticas que são vivenciadas pelas palavras durante seu surgimento no meio da linguagem.

Conquistas relacionadas ao conhecimento do fenômeno etimológico com o desenvolvimen-

to da etimologia necessária da ciência, como visto, o afastamento da intuição, do significado intra-sistêmico e da arte absurda em sugestões de etinfias, bem como a necessidade de evidências, condições e simulações, com base em outras palavras e idiomas. Com o advento das leis fonéticas que datam do século XV até Nebrija, as comparações linguísticas já amadureceram para escritores do século XVIII e XIX.

A isso se acrescenta a necessidade de evitar a interpretação de curto prazo, por meio de uma grande rede de literatura, das ferramentas figurativas de Schleicher<sup>12</sup>, da robustez neogramática e do equilíbrio de qualidade entre as línguas oficiais. No início do século XX, o papel de cada indivíduo e seu estilo no étimo ficou evidente em meio à dinâmica.

Na esteira da crescente complexidade da linha etimológica de raciocínio devido às guerras mundiais e às subsequentes negações políticas dos valores de sua conquista, todas as ideias desenvolvidas pela Linguística Histórico-Comparativa do século XIX foram esquecidas. No início do século XXI, não só a necessidade de conhecer os escritores antigos, mas também a oportunidade de integrar esse conhecimento do século XIX com uma certa conquista das correntes da Linguística Moderna ainda está por fazer.

No caso particular da língua portuguesa, para além da utilização de informação integrada, o estudo especializado de substratos e superstratos é a vista, sobretudo, da etimologia revista disponível ainda está em desenvolvimento. Por fim, é esperado que o trabalho cumpra o seu papel e insira o leitor acerca de tema que é um assunto bastante polarizado na sociedade contemporânea.

Após isso, é pretendido trazer essas ideias ao

debate com o auxílio de periódicos da área que fazem um estudo minucioso e, cientificamente, relevante, para que no futuro, o presente trabalho possa ser colocado na mesma mesa dos especialistas e, possa servir, também, como inspiração a novos estudos que queiram trazer uma nova abordagem e possam utilizar este trabalho como referencial teórico.

## REFERÊNCIAS

1. DHONDT, Jan. La Alta Edad Media. Madrid: Siglo XXI de Espanha Editores, 1984. p.7.
2. THOMPSON, E.A. Los Godos en España. Madrid: Alianza Editorial Madrid, 1971. p. 15.
3. FERREIRA, Tito Lívio. A Ordem de Cristo e o Brasil. Ibrasa. São Paulo, 1980.
4. HEYDENREICH, T. América Latina – lateinisches Amerika? Zur politischen Begriff eines Adjektivs im 19. Jahrhundert. Latein Amerika Studien. 35, 1995, p. 229-245.
5. BUENO, S. A formação histórica da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1967.
6. FAORO, R. Os Donos do Poder. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
7. DA MATTA, R. “Você sabe com quem está falando?” Um ensaio sobre a distinção entre indivíduo e pessoa no Brasil, Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Guanabara, 1990, p. 146-204.
8. Nebrija, Elio Antonio de. 1479. Grammatica castellana. Salamanca: Juan de Zúñiga. [Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, 1992].
9. Nunes de Leão, Duarte. 1576. Ortographia da lingua portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingua Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas. Lisboa: João da Barreira. [<http://purl.pt/15/3/>]
10. ORTIZ, F. Del fenómeno social de la «transculturación» y de su importancia en Cuba. Tomado de Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011.
11. COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Imperial Novo Milênio. Rio de Janeiro, 2011.
12. Schleicher, August. 1861. Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen: kurzer Abriss der indogermanischen Ursprache, des Altindischen, Altiranischen, Altgriechischen, Altitalischen, Altkeltischen, Altslawischen, Litauischen und Altdeutschen. Weimar: H. Boehlau, v.1 1861, v.2 1862. [trad. inglesa resumida: Compendium of the Comparative Grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek, and Latin Languages. London: Trübner and Co., 1874].



# A FACE DO RACISMO EM CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO

Maxwell dos Santos <sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo aborda as manifestações do racismo na obra *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto que, em 2022, completa 100 anos de sua morte, e a obra, ambientada no primeiro quartel do século XX, mais precisamente no Rio de Janeiro, durante a chamada República Velha, também completa seu centenário de escrita, malgrado ter sido publicada em 1948, pela Editora Mérito. A metodologia do trabalho utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com textos de estudiosos sobre o racismo, como Joel Rufino dos Santos (1984) e Kabengele Munanga (2003) e artigos que estudam a obra limabarretiana *Espera-se*, através deste trabalho, apontar como Lima Barreto denunciava o racismo.

Palavras-chave: Racismo, Literatura Brasileira, Subúrbio, Lima Barreto, Pré-modernismo.

## Abstract

This article discusses the manifestations of racism in the work *Clara dos Anjos*, by Lima Barreto, whose author, in 2022, completes 100 years of his death, and the work, set in the first quarter of the twentieth century, more precisely in Rio de Janeiro, during the so-called República Velha, it also

completes its centenary of writing, despite having been published in 1948 by Editora Mérito. The methodology of the work used was bibliographic research, with texts by scholars on racism, such as Joel Rufino dos Santos (1984) and Kabengele Munanga (2003) and articles that study the Lima Barreto's work. Barreto denounced racism.

Keywords: Racism, Brazilian Literature, Subúrbio, Lima Barreto. Pre-modernism.

## 1. Introdução

Em 2022, celebra-se o centenário da morte de Lima Barreto e do término de sua obra, *Clara dos Anjos*, publicada postumamente em 1948. Este artigo tem como objetivo mostrar as infames e odiosas manifestações do racismo no romance em tela.

O supracitado autor foi escolhido, por este ter sido um dos maiores críticos do preconceito contra negros e mestiços, sentindo na pele a discriminação de uma sociedade excludente por ser mestiço. Seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicada em 1909, com referências autobiográficas, em que o protagonista é vítima de preconceito racial. Hidalgo (2008, p. 97), sintetiza o enredo:

---

<sup>1</sup> -Licenciado em Letras/Português pelo IFES, especialista em Revisão de Textos pela Facuminas, especialista em Escrita Criativa, Roteiro e Multiplataformas pela Faculdade Novoeste e professor voluntário de Literatura Brasileira do ResistENEM. E-mail: maxwell-dossantosescritor@gmail.com

A coragem de se expor radicalmente e de usar como tema as próprias feridas é flagrante em Isaías, personagem-representação da faceta do eu pobre e negro do autor. Trata-se de um sujeito humilde que se muda do interior para o Rio de Janeiro, emprega-se como contínuo num dos jornais mais requisitados daquele tempo (chamado O Globo) e se debate com todo tipo de percalço, ansioso pela ascensão na hierarquia do jornalismo.

Trata-se de um roman à clef, em que Lima Barreto trocou os nomes, mas a amargura de Isaías Caminha era nítida, em virtude da coincidência entre personagens reais e fictícios, culminando em imediata reação na classe jornalística. Monteiro Lobato relata que o livro foi ignorado pelos jornalistas, prejudicando a carreira de Lima Barreto (HIDALGO, 2017, p.97). D'Angelo (2017) aponta que a escrita era sua arma de luta contra a discriminação:

Como uma resposta à discriminação racial e à exclusão social sofrida dia após dia, Barreto escrevia sobre estes assuntos de forma dura em uma época em que ninguém estava disposto a falar ou ler sobre isso.

Por conta da discriminação racial, ele foi recusado por três vezes na Academia Brasileira de Letras. Felipe Correa, estudioso da obra limabarreteana, em entrevista ao jornal O Tempo, traz uma razão adicional:

Apesar de ter sido funcionário público do governo federal até 1918, Lima Barreto não se encaixava nessa postura oficial, tanto por sua verve satírica, que atirava farpas contra a elite, quanto por sua vida boêmia e desregrada.

sador pela vida e obra do autor carioca, que pôs o dedo nas chagas sociais, em suas questões sociais, além de expor a hipocrisia da elite brasileira.

Para elaborar este último, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio de textos que abordem a questão do racismo e façam uma análise crítica do livro.

## 1. Algumas conceituações de racismo

Antes de mais nada, é preciso que tragamos as definições do conceito de racismo. Para Munanga (2003), o racismo

[...] é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente e um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.

Por séculos, justificavam a opressão aos negros, por considerá-los inferiores em relação aos brancos, em postulados "científicos". Santos (1984, p.13), afirma que o racismo

[...] assenta assim numa falsidade científica, o que torna fácil a qualquer colegial bem informado desmontá-lo. Recentemente, nos Estados Unidos, foram apresentadas "provas" das diferenças

genéticas entre as raças negra e branca. Os cientistas que as apresentaram continuam, portanto, trabalhando com o velho e duvidoso conceito de raça: indivíduos com o mesmo desenho externo. Coerentemente, ao que dizem os jornais que se interessam pelo fato, esses cientistas pertencem à direita política, sempre obstinada em explicar diferenças sociais pelos fatores biológicos.

Guimarães (2004) afirma que “o racismo surge, portanto, na cena política brasileira, como doutrina científica, quando se avizinha à abolição da escravatura e, conseqüentemente, à igualdade política e formal entre todos os brasileiros, e mesmo entre estes e os africanos escravizados”.

## 2. Metodologia

Para realizar este trabalho, lançou-se mão da pesquisa bibliográfica, com análise dos trabalhos acadêmicos sobre o racismo e a obra do autor fluminense. Segundo Gil (2018, p.28)

[...] pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

## 3. Vida e obra de Lima Barreto

Nascido em 13 de maio de 1881, filho de Joaquim Henriques de Lima Barreto, tipógrafo e Amália Augusta, professora primária, ambos

mestiços e pobres. Ao longo da vida, foi vítima de preconceito. Perdeu a mãe aos seis anos. Coursou engenharia na Escola Politécnica, mas por conta da discriminação racial e pelo fato do pai ter enlouquecido, abandonou-a.

Prestou concurso público e foi trabalhar como escriturário na Secretaria da Guerra. Enquanto isso, escrevia para vários jornais do Rio de Janeiro. Por conta de suas desventuras, entregou-se ao alcoolismo, sendo internado duas vezes no Hospício Nacional de Alienados. Faleceu em 1º de novembro de 1922.

A criação literária barretiana mostra os subúrbios cariocas e seus trabalhadores. De acordo com Almeida e Frazão (2015, p.55), Lima Barreto

[...] conseguiu expressar suas aflições e a de seus contemporâneos, da periferia de sua época, através de textos que foram, muitas vezes incompreendidos por grande parte da elite literária brasileira. Barreto dedicou-se através de seus textos ao combate às discriminações sociais e trouxe para a discussão problemas dos subúrbios cariocas, a subalternidade da mulher e os conflitos vividos pela população esquecida para o centro de suas narrativas.

Silva (2015, p.124) diz que “o escritor era consciente da situação brasileira, ele a vivia e combatia a desigualdade do país através de sua escritura, tornando-se assim um porta-voz dos ‘infelizes’”.

A antropóloga Lilia Moritz Schwarcz, em entrevista à revista Cult, observa como Lima Barreto, por meio da literatura, combatia o racismo: Ele achava que os negros só poderiam ser socialmente integrados através da luta e do constante incômodo. Por isso, denunciava que a escravidão não acabou com a abolição, mas

ficou enraizada nos menores costumes mais simples. (DANGELO, 2017)

Sobre o subúrbio, Barreto (2016, p.107) fala que é o

[...] o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.

A escrita limabarreteana era instrumento de denúncia contra o abandono dos subúrbios cariocas, segundo Lima (2022):

Suas criações ficcionais refletem o abandono, o sofrimento e a ausência de perspectivas dessa camada proletária, também estigmatizada etnicamente, no momento em que as elites que se assenhoraram do poder andavam namorando as ideologias racistas europeias, dando livre curso ao acirramento do preconceito racial e social contra negros e mestiços, estes mudados pela lei de 13 de maio da condição de escravos para homens livres, todavia, sem o reconhecimento da sociedade de sua nova condição de cidadãos, em decorrência da estreiteza mental produzida pelos quase quatrocentos anos de cativo.

Bosi (1988, p. 358) aponta que Lima Barreto era um escritor cheio de contradições em seu pensamento, embora tais pensamentos sejam um produto de seu tempo:

E verdade que se apontaram contradições na ideologia de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros

decênios do século: o cinema, o futebol, o arranha-céu, o que parece grave, a própria ascensão profissional da mulher! Chegava, às vezes, a confrontar o sistema republicano desfavoravelmente com o regime monárquico no Brasil.

#### 4. Sobre o romance Clara dos Anjos

Ambientado no Rio de Janeiro, durante o primeiro quartel do século XX, mais especificamente na República Velha, o romance Clara dos Anjos tem o foco narrativo na terceira pessoa, tendo um narrador onisciente. Iniciado em 1904, foi concluído em janeiro de 1922 e publicado, postumamente, na Revista Sousa Cruz no formato de folhetins, de janeiro de 1923 a maio de 1924, sendo publicado em livro em 1948 pela Editora Mérito.

Ele conta a história da Clara, filha do carteiro Joaquim e da dona de casa Engrácia, criada com zelo e vigilância por parte da mãe. Era meiga, ingênua, sem grandes ambições na vida, a não ser contrair um casamento. Sobre sua personalidade, o autor descreve:

Clara era uma natureza amorfa, pastosa, que precisava mãos fortes que a modelassem e fixassem. Seus pais não seriam capazes disso. A mãe não tinha caráter, no bom sentido, para o fazer; o pai, devido aos seus afazeres, passava a maioria do tempo longe dela. E ela vivia toda entregue a um sonho lânguido de modinhas e descantes, entoadas por destros cantores, como o tal Cassi e outros exploradores da morbidez do violão. [...] Não havia, em Clara, a representação, já não exata, mas aproximada, de sua individualidade social; e concomitantemente, nenhum desejo de elevar-se, de reagir contra essa representação. A filha do carteiro, sem ser leviana, era, entretanto, de um poder reduzido de pensar, que não lhe permitia meditar um instante sobre o destino, observar os

fatos e tirar ilações e conclusões. A idade, o sexo e a falsa educação que recebera, tinham muita culpa nisso tudo; mas sua falta de individualidade não corrigia a sua obliquada visão da vida. (BARRETO, p.125-126)

Ela conheceu Cassi Jones, rapaz cuja condição social é um pouco melhor do que a dela, na festa de seus 18 anos, em sua casa. Ele costumava seduzir moças pobres, iludi-las e abandoná-las grávidas, além de se envolver com mulheres casadas. Sem meias palavras, Alves (2016), descreve o moço como um tipo casanova chinfrim dos trópicos, que vivia desencaminhando mulheres e pondo seus lares e familiares a pique. A velha dava-lhe apoio e cobertura a todas as patifarias do filho. Toda a cidade o tinha como um pústula. Lima Barreto assim discorre sobre seu modus operandi da sedução:

Escolhia bem a vítima, simulava amor, escrevia detestavelmente cartas langorosas, fingia sofrer, empregava, enfim, todo o arsenal do amor antigo, que impressiona tanto a fraqueza de coração das pobres moças daquelas paragens, nas quais a pobreza, a estreiteza de inteligência e a reduzida instrução concentram a esperança de felicidade num Amor, num grande e eterno Amor, na Paixão correspondida. Sem ser psicólogo nem coisa parecida, inconscientemente, Cassi Jones sabia aproveitar o terreno propício desse mórbido estado d'alma de suas vítimas, para consumir os seus horripilantes e covardes crimes; e, quase sempre, o violão e a modinha eram seus cúmplices... (BARRETO, p.63)

Em que pese a afirmação barretiana de que Cassi Jones não havia nevrose ou qualquer psicopatia que fosse, a literatura médica o define como psicopata, em virtude da sua capacidade de dissimulação para seduzir as raparigas pobres, virgens e sobretudo mestiças, pela

falta de afeto que tinha pelas pessoas, e pela busca egoísta de seus prazeres.

Se já era egoísta, triplicou de egoísmo. Na vida, ele só via o seu prazer, se esse prazer era o mais imediato possível. Nenhuma consideração de amizade, de respeito pela dor dos outros, pela desgraça dos semelhantes, de ditame moral o detinha, quando procurava uma satisfação qualquer. Só se detinha diante da força, da decisão de um revólver empunhado com decisão. Então, sim...(BARRETO, p.63)

Cassi, a seu turno, nas palavras de Lima (2022):

[...] não passa de uma figura esfacelada, mais próxima de uma cópia deturpada da ordem masculina, que mal consegue reproduzir os valores sociais, econômicos, culturais, etc., existentes nas classes superiores. Ao tentar imitar estes padrões de conduta que julga aceitáveis, sua realidade suburbana acaba traindo-o: sobressaem-se seus gestos, sua maneira de vestir-se, mostrando sua perceptível incompatibilidade com o centro da cidade, reduzindo seu horizonte de expectativas e existencial à esfera da periferia da metrópole, onde convive naturalmente com companheiros integrados à marginalidade e onde unicamente consegue seduzir moças pobres, analfabetas e mal instruídas.

Em outras palavras, Cassi quer imitar um aristocrata, alguém com muitas posses, mas se torna uma figura ridícula e caricata. Ele quer sair do subúrbio, mas o subúrbio não sai dele.

Schwarcz (2017) faz uma contraposição de protagonista e antagonista:

A intenção de Lima é contrapor os dois personagens e revelar a ambiguidade: a despeito de sua origem social "melhor", Júlio era menos

bem formado – tanto na instrução, como no caráter. Os grupos eram diversos internamente, e o escritor se mostra atento a essas especificidades e às marcas sociais de diferença – como classe, mas também raça, gênero, região e geração – que sempre devem ser analisadas de forma interseccionada.

Ao se ver em apuros com a polícia e a justiça, recorria à mãe, dona Salustiana, alegando inocência, acusando as moças de serem perdidas, que fora vítima de uma cilada, porque era de boa família etc. Embora não acreditasse nas mentiras do filho e sentisse asco em ver seu rebento casado com uma pobre mulata costureira ou moça branca lavadeira e analfabeta, sempre se engajava, acompanhada do esposo Manuel, em livrá-lo da cadeia ou do casamento. Eis um diálogo dos pais de Cassi a respeito de suas proezas infames:

- Mas é a sexta moça, Salustiana!
- Qual o quê! Calunia-se muito...
- Qual calúnia, qual nada! Este rapaz é um perverso, é sem-vergonha. Eu sei o nome das outras. Olhe: a Inês, aquela crioulinha que foi nossa copeira e criada por nós; a Luísa, que era empregada do doutor Camacho; a Santinha, que ajudava a mãe a costurar para fora e morava na rua Valentim; a Bernarda, que trabalhava no "Joie de Vivre"...
- Mas tudo isso já passou, Maneco. Você quer que o seu filho vá para a cadeia? Porque, casar com essas biraias, ele não se casa. Eu não quero.
- Era preferível que ele fosse para a cadeia, ao menos não estava desmoralizando todo o dia a casa.
- Pois você faça o que quiser. Se você não der os passos, eu dou. Vou procurar o meu irmão, o doutor Baeta Picanço - rematava a mulher com orgulho.(BARRETO, p.50)

Não obstante as advertências dos pais, de dona Margarida e de seu padrinho Marramaque, Clara acabou caindo na conversa de Cassi, entregando-se ao canalha sedutor. Se viu grávida e desesperou-se. Cogitou fazer um aborto. Procurou dona Margarida para pedir-lhe dinheiro e executar seu plano. A senhora de origem europeia foi à casa de Clara e contou à sua mãe sobre a gravidez. A jovem se dirigiu à casa de Cassi e relatou à dona Salustiana sua desdita, mas foi humilhada por esta, por sua condição de pobre e mulata.

## 5. As manifestações de racismo no livro

Como já foi dito, Clara dos Anjos se passa no primeiro quartel do século XX, após mais de 30 anos da abolição da escravatura no Brasil. Contudo, o ranço escravocrata ainda persiste através de dona Salustiana, mãe de Cassi Jones. Com um complexo de superioridade, se dizendo neta de um lorde que fora cônsul da Inglaterra em Santa Catarina, a genitora não concebia a ideia de ver seu filho casado com uma mulher pobre e sobretudo, mulata.

A família de Cassi era de classe média ou remediado, como se dizia à época. Contudo, dona Salustiana tinha o complexo de dona Florinda, e pisava nas pessoas que eram de condição social ou racial inferior à dela. Por conseguinte, sempre acobertava o filho a cada acusação de sedução de moça pobre. No caso de Clara, não foi diferente. Veja como foi o encontro de Clara com a mãe de Cassi:

Dona Salustiana, que esperava tudo, menos aquela visita portadora de semelhante mensagem, não tardou em mandar entrar as duas mulheres. Ambas estavam bem vestidas e nada denunciava o que as trazia ali. Só Clara tinha os olhos vermelhos de chorar, mas passava despercebido. Chegou Dona Salustiana e cumprimentou-as com grandes mostras de

si mesma. Dona Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com ar um tanto irônico:

- Que é que a senhora quer que eu faça? Até ali, Clara não dissera palavra; e Dona Salustiana, mesmo antes de saber que aquela moça era mais uma vítima da libidinagem do filho, quase não a olhava; e, se o fazia, era com evidente desdém. A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer.

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, não se pôde conter e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

- Que é que você diz, sua negra? (BARRETO, p.172)

É evidente a manifestação de desprezo de dona Salustiana para com Clara, desde a entrada em sua casa até o momento que ela conta sobre a sedução do rapaz e pede casamento. Após ser interpelada por dona Margarida, dona Salustiana pede que suas filhas lhe acudam. Mais uma vez, aquela senhora destila preconceito de classe e arrota uma aristocracia que não possui:

Dona Margarida explicou; mas, quando se falou em casamento de Cassi, Dona Salustiana prorrompeu:

- Ora, vejam vocês, só! É possível? É possível admitir-se meu filho casado com esta... As filhas entrevistaram:

- Que é isto, mamãe?

A velha continuou:

- Casado com gente dessa laia... Qual!... Que diria meu avô, Lord Jones, que foi cônsul da Inglaterra em Santa Catarina - que diria ele, se visse tal vergonha? Qual! Parou um pouco de falar; e, após instantes, aduziu:

- Engraçado, essas sujeitas! Queixam-se de que abusaram delas... É sempre a mesma cantiga... Por acaso, meu filho as amarra, as amordaça, as ameaça com faca e revólver? Não. A culpa é delas, só delas... (BARRETO, p.173)

O autor, a respeito de Clara, faz a triste conclusão:

A educação que recebera, de mimos e vigilâncias, era errônea. Ela devia ter aprendido da boca dos seus pais que a sua honestidade de moça e de mulher tinha todos por inimigos, mas isto ao vivo, com exemplos, claramente... (...) Ora, uma mulatinha, filha de um carteiro! O que era preciso, tanto a ela como às suas iguais, era educar o caráter, revestir-se de vontade, como possuía essa varonil Dona Margarida, para se defender de Cassis e semelhantes, e bater-se contra todos os que se opusessem, por este ou aquele modo, contra a elevação dela, social e moralmente. Nada a fazia inferior às outras, senão o conceito geral e a covardia com que elas o admitiam... (BARRETO, p.174)

Lima Barreto culpabiliza os pais pela superproteção, que fora debalde face às investidas do sedutor Cassi, que fingiu amor por ela, fez juras de amor em cartas com erros de português, a seduziu e agora Clara, tão-somente uma mulatinha, pobre, filha de um simples carteiro e mãe solteira.

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo abordar as ma-

nifestações do racismo na obra Clara dos Anjos, de Lima Barreto. Malgrado a escravatura ter sido abolida em 1888, o racismo, lamentavelmente, não foi abolido. Lima Barreto, enquanto autor negro, descendente de pessoas escravizadas e vítima do racismo, ao longo de sua vida, teve a literatura como instrumento de denúncia das péssimas condições em que pretos e mulatos viviam, em situação de marginalidade, entregues à própria sorte.

Em virtude das críticas sociais assaz pesadas que fazia em suas obras, foi preterido por setores da grande imprensa e pela intelectualidade da época, culminando na sua não entrada na Academia Brasileira de Letras. Recentemente, sua obra passou a ser estudada e comentada pela academia.

Clara dos Anjos, sua obra póstuma, denunciou a defloração de uma jovem negra, doce e ingênua por um rapaz que aparenta ser rico. Clara se viu grávida, e foi desprezada pela mãe do seu amado.

Por fim, conclui-se que há um longo caminho para a mudança das mentalidades das camadas médias da sociedade, que tem introjetado em si o ranço escravagista, em que o negro é tão somente alguém que está para satisfazer suas vontades, quaisquer que sejam.

## Referências

- ALMEIDA, Isis Maia; FRAZÃO, Idemburgo Pereira. A MARCA DO PRECONCEITO EM CLARA DOS ANJOS, DE LIMA BARRETO. In: CONINTER, 4., 2015, Foz do Iguaçu. Anais do 4º CONINTER, Niterói: ANINTER, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/ViraJf>> Acesso em: 25 set. 2022.
- ALVES, Paulo. Clara dos anjos: a realidade de uma família negra. Anais VI ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/25920>>. Acesso em: 04/10/2022 12:04
- BARRETO, Lima. Clara dos Anjos. São Paulo: FTD, 2016.

- BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1988.
- D'ANGELO, Helô. Lima Barreto e o racismo do nosso tempo. São Paulo: Editora Bregantini, 11 maio 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/lima-barreto-e-o-racismo-do-nosso-tempo/>. Acesso em: 3 out. 2022.
- GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. Rev. Antropol., São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 set. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2018.
- HIDALGO, Luciana. Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura. São Paulo: Annablume, 2008.
- LIMA, Marcos Hidemi de. Pobre, mulata e mulher: a estigmatização de Clara dos Anjos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 24 maio 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos/446-pobre-mulata-e-mulher-a-estigmatizacao-de-clara-dos-anjos>. Acesso em: 4 out. 2022.
- MARIA, Laura. Lugar merecido, mas negado. Belo Horizonte: O Tempo, 11 maio 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/diversao/magazine/lugar-merecido-mas-negado-1.1494948>. Acesso em: 9 jul. 2017.
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, Rio de Janeiro, 2003.
- SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.
- SILVA, Adriana Reis. O padrão discursivo barretiano da obra Clara dos Anjos e a possibilidade dessa releitura contemporânea. Caligrama: Revista de Estudos Românicos, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 115-140, jan. 2016. ISSN 2238-3824. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/9531>>. Acesso em: 25 set. 2017.
- SILVA, M. A. L. & SOARES, R. L. S. Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia. In: Entrelaçando: Revista eletrônica de culturas e educação. N. 4, Nov/2011.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. CLARA DOS ANJOS E AS CORES DE LIMA. Sociologia & Antropologia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 125-155, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/XsRYwnXqHNq4S6J4smwGKpd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.



# JUVENILIZAÇÃO NA EJA

Diego Elias Santana Duarte

## RESUMO

A Juvenilização na EJA é um tema que requer pensar sobre os conceitos que se apresentam de maneira ainda muito simplistas, e sem muitas teorias que a defendam, pois não há muitos autores que tratam do tema, porém é possível traçar um panorama da realidade dos jovens entre 15 e 17 anos que deveriam estar na dita escola regular e entram para a EJA, o que mostra haver uma defasagem de estudo na vida desses adolescentes, além de permitir traçar uma realidade paralela ao que realmente se pensa sobre a EJA. São jovens oriundos de realidades sociais que não compactuam com os que ainda frequentam escolas públicas e privadas nos horários e idades compatíveis com ano/série regulares de ensino. Esse prisma de jovens que passam a conviver com pessoas mais velhas, que também não puderam, ou não tiveram a oportunidade do estudo no tempo certo, acabam, por vezes, desistindo, evadindo-se, ou mesmo sendo desestimulados por falta de pedagogia apropriada e didática que atendam ao universo do qual esses jovens saem para enfrentar a escola, em períodos e em condições adversas ao que seria, se tivessem estudado de acordo com a faixa etária a que pertencem. Dessa forma, neste artigo, traçamos um perfil desse público e procuramos, mesmo que de forma sucinta, demonstrar, historicamente, a evolução da EJA com suas defi-

ciências e extremas necessidades de adaptação para atender ambos os públicos que a frequentam.

Palavras-chave: Juvenilização. EJA. Histórico da EJA.

## ABSTRACT

Juvenilization in the EJA is a topic that requires thinking about the concepts that are presented in a very simplistic way, and without many theories that defend it, since there are not many authors that deal with the subject, however, it is possible to draw an overview of the reality of the young people between 15 and 17 years old who should be in the so-called regular school and enter the EJA, which shows that there is a study gap in the lives of these adolescents, in addition to allowing a parallel reality to be traced to what is really thought about the EJA. They are young people from social realities who do not agree with those who still attend public and private schools at times and ages compatible with the regular year/grade of education. This prism of young people who start to live with older people, who also could not, or did not have the opportunity to study at the right time, sometimes end up giving up, evading, or even being discouraged by the lack of appropriate pedagogy and didactics that meet the universe from which

these young people leave to face school, in periods and in adverse conditions to what would be, if they had studied according to the age group to which they belong, in this way, in this article we draw a profile of this public and seek to , even if succinctly, demonstrate historically the evolution of EJA with its deficiencies and extreme adaptation needs to meet both audiences that attend it.

Keywords: Juvenilization. EJA. History of EJA.

## INTRODUÇÃO

A juventude brasileira sempre teve índices a serem observados quanto à realidade da Educação no país. Não que sejam índices satisfatórios a uma realidade esperada para qualquer país que preza pelo desenvolvimento, economia, ciência, profissões, PIB (Produto Interno Bruto) entre tantos outros quesitos importantes para o crescimento de uma nação, mas, no nosso caso, a preocupação é outra, isso, em se falando de quem preza pela qualidade do ensino, contudo, não é o que se vê desde a ditadura militar, com os governos que administraram o país, e alguns dos que vieram depois.

É preciso fazer uma análise clara da realidade quanto à Educação, pois, em se pensando no período da ditadura, na década de 1970, os militares não aceitaram que se inserisse na Matriz Curricular a disciplina de Educação Artística, mas que apenas se colocasse como atividades extras as atividades artísticas. Assim, a obstrução da disciplina, que em Arte é que se aprende história, manifestação por meio do intelecto, contra os abusos autoritários de um governo e etc., e, portanto, não havendo a disciplina, mas apenas atividades, o tempo era mínimo para se dedicar à Arte em si, o que coincidentemente vivemos hoje, em relação ao

governo que aí está, isto é, uma ditadura disfarçada, mas escancarada justamente pelo que tem feito o atual governo com a cultura. Dessa feita, vivemos uma tentativa de abortar a capacidade de criação, tornando o eleitor atual em eleitor de cabresto à época da ditadura.

Esse quadro que se apresenta é visto no panorama em que se estabelece no Brasil de hoje, em relação aos estudos tardios de pessoas que, por diversas razões, não puderam estudar. Devemos pensar que, nas décadas de 1950, no pós-guerra, até a década de 1980, aproximadamente, ainda dentro do período da ditadura, tivemos essa dificuldade para se estudar diante a tantas crises, e mesmo a falta de incentivo ao estudo. À época, os filhos necessitavam ajudar na lida com o trabalho, e, tínhamos uma população grande na zona rural, o que dificultava os estudos por necessidades de trabalho, distância entre outras realidades.

Atualmente, após a década de 1990, com o decênio da Educação, tivemos uma melhora considerável na realidade do país, quanto ao que se tinha sobre Educação. Sem fazer partidarismo, mas analisando a realidade do que se investiu em Educação, foram criadas escolas técnicas, universidades e meios de financiamento da educação, o que ocasionou em uma formação grande de profissionais, acesso a escolas e benefícios à população e ao país com esses investimentos no período do governo do PT (Partido dos Trabalhadores), o que não foi visto nem mesmo no período governado pelo PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), partido do Presidente FHC (Fernando Henrique Cardoso) que reequilibrou a economia do país, mas não gerou programas específicos para a Educação.

Com a iniciativa da estabilidade econômica

feita no governo de Fernando Henrique e os investimentos dos governos Lula e Dilma, houve avanço na realidade da Educação, inclusive, acesso aos que tardiamente voltaram a estudar, mas esse número tratava de pessoas com mais idade, mas o que hoje o quadro que se apresenta é outra a realidade.

De acordo com o que apontam Conceição e Nakayama (2013), antes da criação da EJA (Ensino de Jovens e Adultos), existia no Brasil a educação para adultos, com vista compensatória com a finalidade de combater o analfabetismo, principalmente no campo. Aproximadamente, ao final de 1950, Paulo Freire cria novo conceito de educação de adultos, apresentando uma proposta libertadora, em que tornava isso um marco da educação de jovens e adultos no país. A concepção dele prevaleceu sobre a funcionalista do período do ditatorial, e, com o advento da redemocratização, o método dele foi amplamente difundido aqui e no exterior.

Segundo Carvalho (2009), a Educação de Jovens e Adultos no Brasil vem sendo modificada ao longo dos anos. Essa modalidade era de ensino para adultos, porém, a EJA está passando por um processo de juvenilização. Isto quer dizer que as salas de EJA estão recebendo alunos com 15, 16 e 17 anos, exigindo mudanças no âmbito pedagógico.

Conceição e Nakayama (2013) e Carvalho (2009) refletem que o perfil dos sujeitos da EJA, que tinham um público formado de pessoas mais velhas e trabalhadoras, pessoas essas que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência, por razões díspares, hoje vem mudando. A realidade atual é que cada vez mais adolescentes estão se matriculando e frequentando a EJA. Com isso,

percebe-se que congrega grupos heterogêneos, havendo entre eles grande diversidade sociocultural e geracional. Assim, alguns questionamentos surgem, como: por que, a partir da educação básica ter se universalizado no país, na década de 1990, existem jovens buscando essa modalidade de ensino?

O tema em si traz pouca bibliografia sobre essa nova realidade enfrentada no país, mas faremos uma abordagem panorâmica sobre essa questão.

Andrade (2008) focou sua investigação nos múltiplos processos de ex/inclusão que levam os jovens a serem excluídos do ensino médio e retornarem ou migrarem para EJA. Na mesma linha de Conceição e Nakayama (2013), Andrade (2008) também usou como sustentação teórico-metodológica a inspiração foucautiana para suas análises. Pesquisou, a partir de um estudo de caso, como estão se configurando as mudanças na escola em função do processo de juvenilização com base na fala dos jovens estudantes, do professor da turma e da diretora. (FREITAS, et al., 2016)

Talvez, se se pensado como oportunidade para a formação do cidadão escolarizado, o método de ensino da EJA é fantástico, por dar oportunidade de se inserir na realidade escolar, alfabetização em alguns casos, recuperação do aprendizado para outros e inserção de novos cidadãos capacitados para o mercado de trabalho, a partir da formação no ensino médio pela EJA, contudo, esse quadro é preocupante quando se fala em juvenilização, isto é, se se analisar que o número de matriculados nas últimas décadas nessa modalidade de ensino é de jovens entre 15 e 17 anos. Temos, portan-

to, um quadro doentio da formação educacional no país, isto é, se jovens nessa faixa etária estão se matriculando nessa modalidade, sinal de que pararam de estudar muito cedo e a essa altura da faixa etária, estão estudando em uma modalidade reduzida de tempo de ensino, o que não compactua com a idade e mesmo com a aprendizagem de acordo com o que já deveriam saber.

As autoras supracitadas apresentam outro prisma de análise quanto a essa realidade da juvenilização:

Petró (2015) buscou subsídios para esclarecer o problema do acesso e da permanência na escola, em especial dos sujeitos que frequentam a modalidade de ensino da EJA. Visando entender o processo de juvenilização da EJA, a autora procurou investigar como as redes sociais influenciam na trajetória escolar desses jovens. Sua pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que a primeira buscou analisar o perfil dos estudantes da EJA na cidade de Porto Alegre, e a segunda, através de entrevistas, identificou as influências das redes sociais nas relações sociais desses jovens. (FREITAS, et al., 2016)

Grave realidade de se pensar que é preciso analisar o perfil de jovens estudantes na EJA a partir do que vivenciam nas redes sociais, pois é a banalização da educação, isto é, se deixar influenciar por perfis sociais, e não se preocupar com a formação qualificadora é algo que degrada mais ainda a condição da educação no país.

Conforme algumas análises vistas em pesquisas recentes, jovens entre 18 e 21 anos bus-

cam a EJA diante do fracasso escolar e das retenções por inapetência ao aprendizado. Esse quadro está diretamente ligado a questões culturais, sociais e de realidades com as quais cada indivíduo vive.

A falta de capacidade para o aprendizado, além da falta de oportunidade levam esses jovens a migrarem para o ensino para jovens e adultos, isso na tentativa de se recuperar o perdido, ou mesmo para se ter uma formação básica, mas o que na realidade não quer dizer que estarão aptos à seguirem os estudos no nível superior, e, mesmo preparados para o mercado de trabalho, pois concorrerão com jovens que se formaram em escolas públicas ou privadas no ensino regular e que cursaram universidades e estão mais bem preparados para os desafios do mercado de trabalho em pleno século XXI. Freitas, et al. (2016) trazem a seguinte e importante informação que:

O fenômeno da Juvenilização da EJA não é tão recente quanto se pensa. Frencken e Alves (2013) observaram em sua pesquisa, que a partir da década de 2000 houve um ligeiro crescimento de matrículas de jovens entre 15 e 17 anos na modalidade de ensino da EJA em escolas municipais e estaduais do Brasil. Dentre os fatores que ocasionaram a juvenilização da EJA foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, que normatizou o acesso desses jovens nessa modalidade de ensino.

Dessa feita, faremos um à parte sobre essa realidade, pois com a possibilidade da classificação/reclassificação permitidas pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases), além da regularização da vida escolar, esse fenômeno de se atualizar - dando a equiparação idade/classificação es-

colar -, promove uma defasagem em relação a aprendizagem, isto é, ao equiparar o aluno ao ano/série que deveria estar, sendo classificado e reclassificado para o ano apropriado. Não se está, dessa maneira, qualificando ou contribuindo com maior número de pessoas alfabetizadas e ativamente como estudantes para que sejam dados estatísticos importantes, para o nivelamento educacional do país, em relação aos outros países, mas se criando um montante quantitativo, que não muda em nada os índices de qualidade de ensino, e de conhecimento imprescindíveis para o mapeamento da formação intelectual de uma nação.

Um dado interessante de Freitas, et al. (2016) é que “Para abordar a migração desses adolescentes para a EJA, [...] dados obtidos na cidade de Fortaleza que, em 2011 teve a segunda maior taxa de matrícula [...] na região nordeste. [...] Frencken e Alves (2013) revelam que, além da situação socioeconômica vulnerável desses jovens, existem questões como o currículo, as propostas e as práticas pedagógicas [...] que precisam ser criticamente analisadas”. E, do mesmo artigo (Op. Cit., 2016), está que “Para Soares (2013), a escola conhecida vulgarmente como regular, “expulsa” esses jovens para a EJA”.

Podemos conceber que os fundamentos sobre a juvenilização da EJA são importantes para a compreensão das razões que levam estudantes deixarem de cursar o Ensino Fundamental se inserir na EJA. É a anulação das políticas públicas, falta de perspectiva, além de tantos percalços por que passam o país e que, segundo Furtado (2015, p. 55): “[...] é resultado também desse processo de escolarização degradada, que perpetua a exclusão escolar. Os/as alunos/as têm acesso ao espaço físico, mas não, a uma educação de qualidade, que os/as

considere como sujeitos de direitos”.

E ser sujeito de direito - em um país em que não há políticas públicas que valorizem o ensino e a formação, em um país em que o mercado de trabalho se torna competitivo e escasso com novas tecnologias que substituem o homem no trabalho, e tantos outros desafios que dizem respeito a cultura, sociedade em que cada um vive, condições precárias de infraestrutura, moradia entre outras -, é viver como sujeito marginalizado a esse pseudodireito.

Há uma urgência em repensar como conduzir essa realidade, para uma formação intelectual qualitativa, para esses jovens que a cada ano mais cedo buscam a EJA, pois é grave saber que o índice de adolescente que abandonou a escola cedo demais e busca retomar os estudos em um projeto de ensino que tem como finalidade formar pessoas mais velhas.

Essa gravidade implica em má formação, quantidade de pessoas dentro da realidade do analfabetismo funcional. Despreparo para atender a necessidade de um mercado de trabalho que requer pessoas com bom nível de leitura e interpretação, com um segundo idioma, com capacidade técnica e conhecimento múltiplo e polivalente no âmbito profissional.

Esses elementos todos se faltarem no indivíduo, são elementos que claramente irão contribuir para que além do nível de formação intelectual ser abaixo do esperado, teremos cada vez mais pessoas sem as qualificações necessárias para preencher as vagas de trabalho. Dessa feita, serão pessoas que sem participar de etapas importantes para o caminho da escolarização, nas trajetórias de jovens oriundos de classes populares, que passam por degradação da cidadania, assim, subjugados a pressão social, ética, cultural, tendo de compe-

tir com pessoas qualificados, viverão distantes da dignidade de viverem em sociedade na qual serão devidamente respeitados e reconhecidos, pois,

[...] o conhecimento do contexto se relaciona com o local em que se desenvolve o ensino e com as pessoas a quem ele é ministrado. Para cada turma, série e nível de ensino são feitas adaptações ao saber a ser construído. Esses saberes são adquiridos na prática, na vivência do cotidiano escolar. Os professores que atuam na EJA, se não tomarem consciência desses elementos na sua formação, ficarão reféns cada vez mais de práticas modeladoras e de reproduções de práticas bem-sucedidas, que, na maioria das vezes, nada têm a dizer aos seus alunos (JARDELINO; ARAÚJO, 2014, p. 158).

A Educação qualificativa precisa prezar por vários aspectos importantes, entre eles o conhecimento do que nos cerca, assim, o contexto social de onde vem o aluno é um fator preponderante para entender a realidade dele, inserir esse contexto na realidade do outro, comparar o contexto histórico em que se está o país, e, deles desenvolver o conhecimento do histórico contextual desde o surgimento da nação e do mundo. Com isso, outras frentes no ensino se fazem necessárias, isto é, os saberes, as capacitações, a pedagogia implantada, didáticas necessárias a atender cada turma, e profissionais conscientes dessa ponte entre o que chega bruto, e ao momento em que após a lapidação se terá um alunado preparado para o que está fora do ambiente escolar.

Do contrário, podemos tomar como empréstimo o que pensam Filho, et al. (2016):

[...] o proposto por lei para atender aos

jovens e aos adultos trabalhadores vem sendo minado, perdendo o significado e a identidade original, com a presença do jovem aluno excluído da escola de ensino regular, o qual busca um refúgio na EJA – a via rápida para que possa superar os desencontros vividos na escola, ou mesmo uma solução para os seus problemas – como recurso possível e disponível à inclusão.

Mas, é preciso se pensar que nem sempre, ou quase nunca esse “possível e disponível à inclusão” está efetivamente ligado à realidade. O fato é que não há políticas públicas contundentes que atendam essa demanda, e que figurem exatamente o que propõem os autores supracitados. É um caminhar paralelo, porém, de universos distintos demais. O paralelismo dito aqui é que temos um ensino regular no âmbito público, carente quase tanto quanto o EJA, em se tratando de qualidade, e, o que caminha de forma dispare demais que daquele, ou seja, o privado, e, no caso da EJA, está distante da realidade do regular público, então, o que dizer da distância em relação ao privado?

Isso tudo quer dizer que cumprem o que na lei se determina, apenas e somente isso. Não há um objetivo fim para esses adolescentes que frequentam a EJA. As políticas públicas ditas para esse público não são verdadeiramente as que atendem as propostas que constam da LDB, do Plano Nacional de Educação, do que prevê o Conselho Nacional de Educação e demais órgãos responsáveis para isso. É o contar historietas de que todos são atendidos para uma formação básica no Brasil, mas quando, na verdade, o panorama real é algo distinto disso tudo que parece mais uma história de horror contada em filmes de ficção.

Não muito distante dos dias atuais, o processo de insucesso escolar gerou um contingente de alunos excluídos, em sua maioria, procedentes do campo, marcados fortemente pelo analfabetismo extremo e pela falta de oportunidades. Para o enfrentamento desse cenário, foi preciso estabelecer políticas públicas para atender o perfil desses sujeitos, com programas de alfabetização e escolarização. A partir daí a EJA assumiu o cunho social de inclusão, ao abrigar nos seus programas novos indivíduos que passaram pelo processo de exclusão, com histórico de abandono e de reprovação escolar. (FILHO, et al., 2016)

Apesar de interessante o excerto acima, sabemos se tratar mais de uma visão positivista dos autores do que a realidade realmente mostra. Porém, os autores complementam essa ideia e apontam qual a razão dessa busca pela EJA, ou seja: “Diante desse cenário, entendemos ser importante a configuração de novas práticas pedagógicas que atendam às proposições oriundas das transformações sofridas pela EJA... (FILHO, et al., 2016), mas, precisamos ressaltar que essas transformações ainda estão distantes do que realmente deveria ser para atender essa demanda de adolescentes, e, podemos complementar com o que dizem eles (autores) sobre esse público: “...que vivencia o surgimento de um novo perfil de aluno – vindo em busca da escolarização, do resgate social quando preterido pela escola regular, que não lhe deu oportunidade de condições legítimas de direito, no tempo idade/série – carente de acolhimento e de compreensão, excluído daquele espaço educativo” (Op. Cit., 2016).

A questão de que trata o excerto de serem es-

ses adolescentes preteridos pela escola não é bem a realidade, pois que os preteriu foi a sociedade que não ofertou a infraestrutura, saneamento, moradia, acesso desde a Educação Infantil, além de todos os quesitos que se tem direito enquanto ser humano, dessa feita, é preciso muito mais que política pública voltada para a Educação, mas a condição mínima e humana para que todos tenham as mesmas oportunidades de filhos de famílias de classe média têm.

“Por isso, acautelamos a necessidade de acompanhar os conflitos, promover a compreensão e o respeito aos saberes, valorizar a trajetória social, histórica e cultural de cada aluno, de forma a contribuir para que tanto o mais jovem quanto o mais adulto não percam o estímulo e desanimem diante das dificuldades e dos obstáculos encontrados nos processos de retorno à escola” (FILHO, et al., 2016). Esse prisma compactua com a necessidade de que falamos anteriormente, ou seja, da importante estrutura de que todo ser humano precisa para ser inserido na sociedade em que vive. E dela poder ter acesso, condição humana de direitos e de liberdade para poder ser visto na sociedade como pessoa humana e não alguém meramente relegado ao acaso da própria sorte.

Essa dinâmica do espaço de todos serem iguais traz a necessidade de uma escola igualitária em todos os aspectos, pois “[...] a educação é um ato inacabado haja vista que somos seres inconclusos e, constantemente, estamos ensinando e aprendendo ao mesmo tempo. Só ensina e aprende quem está aberto ao outro e, conseqüentemente, ao diálogo; e não por haver diálogo pautado na superioridade de um sobre o outro [...]” (LOPES; AMORIM, 2018, p. 108).

Claro que é sabido que a EJA faz um trabalho de acolhimento, tenta, dentro da realidade de cada comunidade, entrosar seus alunos que têm diferenças de idade e de realidades distintas, mas que estão ali no intuito de recuperar o que se perdeu, mas essa diferença de idade e de universos é exatamente onde mora o perigo, pois se não houver uma adequação, uma atração que os mantenham ali, a evasão torna-se, mais uma vez, aliada desses sujeitos que já estão sujeitos a uma marginalidade, em relação aos que vivem: realidades distintas ao frequentarem a escola vulgarmente chamada de regular.

Podemos assim, então, compactuar com Filho, et al., (2016) quando diz que:

Nesse contexto, as práticas pedagógicas e de gestão escolar devem servir para o aperfeiçoamento e para a adequação do currículo, não distanciado dos objetivos da EJA, onde o grande número de jovem/adolescente que adentra o espaço escolar não venha representar um desafio para professores, gestores e, até mesmo, para o próprio aluno. Isso porque, diante da necessidade de conciliar e de dar conta dos objetivos, das necessidades e das expectativas, esses jovens se deparam com '[...] turma composta por sujeitos de diversas idades, vindos de realidades diversas, com diversas trajetórias escolares [...]' (SOUZA; REIS, 2017, p. 106).

Existem preocupações, portanto, quanto ao como fazer. Contudo, é o quando fazer que traz essa dificuldade de não perder esse plantel que chega, semestralmente, à escola de jovens e adultos, mas são jovens demais para o público com o qual irão se deparar, e, se não acolhidos de forma devida, não oferecido um

trabalho pedagógico, com didática que os atraiam, é bem possível perder esses atores de um teatro em que falta o cortineiro para abrir as cortinas para o sucesso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos assim um espetáculo muitas vezes carente de público, pois ele é ao mesmo tempo o vazio da plateia, por haver evasão e o ator ao mesmo tempo que não ocupa as cadeiras, mas quer estar no palco para celebrar o sucesso; contudo, não há espaço cênico a ser ocupado pelos atores que somem diante a uma escola que nem sempre sabe receber esse elenco. E o não saber não quer dizer que seja incompetente, pois a realidade em que vive a escola pública, com falta de contingente, material adequado, políticas voltadas para o entendimento e atendimento desse elenco que chega à escola, e, é jovem o bastante para a realidade da EJA está sedento de saber, mas que perde por vezes essa vontade por não ser assistido como se deve efetivamente.

No entanto, desde a época da colonização do Brasil, começando pelo ensino da catequese pelos jesuítas até o momento atual ocorreram e ocorrem diversas formas de educação de jovens e adultos. Essa modalidade apresenta muitas variações ao longo do tempo, demonstrando estar estreitamente ligada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país (RACHELE, 2009).

Esse histórico de uma alfabetização tardia é um retrato deste país colônia, isto é, o alfabetizar os povos indígenas, já desenvolvidos e adultos retrata o quadro descrito pela autora

supracitada. “Regimentos do Brasil Colônia revelam esta faceta da Educação, na época, quando indígenas adultos, pacificados e convertidos, deveriam ser aldeados nas imediações dos núcleos, povoados pelos portugueses, para serem ensinados e doutrinados nas – cousas da fé...”, de acordo com análise de Silva (2010).

Quando jesuítas foram expulsos da Colônia e do Império, a Educação não deixou de priorizar os filhos dos portugueses brancos, e marginalizando os demais, que tinham que com trabalhos, produzirem a riqueza. No Brasil Colônia, (1727), fora interdito despacho de livros e letras e proibiram falar a língua tupi (FONSECA, 2008).

Esse retrato vai desenhando o quanto a Educação, e, mais amiúde o que se chama hoje EJA sofreram desde sempre. Com a constituição de 1934 foi estabelecido um Plano Nacional de Educação que contemplava a educação para adultos. Mas, só na década de 1930 é que se consolida melhor essa realidade. Isso graças à industrialização. Os anos de 1940 a 1950 algumas iniciativas foram tomadas para essa realidade escolar, e na década de 1960 um impulso importante foi dado para a alfabetização por meio de campanhas, mas com o golpe de 1964 esses movimentos foram reprimidos.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização surgiu na década de 1970, ainda dentro do período da ditadura. Esse movimento tinha como foco a alfabetização apenas para que se escrevesse o nome, assim, podendo votar. Realidade vergonhosa para um país que já tinha parâmetros internacionais com o objetivo de qualificação do ensino vistos em práticas e movimentos criados pela UNESCO.

A Lei nº 5.692/71 é um marco importante para a educação de jovens e adultos, pois é a implantação do Ensino Supletivo. Em 1985 extinguiu-se o MOBRAL e é substituído pela Fundação Educar.

Mas essa realidade sofre nova mudança: em 1990, o Ano Internacional da Alfabetização, acontecimento marcante é a Conferência Mundial de Educação Para Todos, com fóruns de discussão em que articularam agências governamentais e não-governamentais. Mas, o Brasil na contramão desse debate em âmbito internacional, e, diante as reformas neoliberais do Estado brasileiro, lança documento de abril de 1990, em que o governo brasileiro na gestão Collor/Chiarelli acabou com a Fundação Educar.

De todo esse histórico e da realidade com a qual se vive, quando se pensa em EJA, tomemos como base e que fica como reflexão do que se deve fazer quanto à Educação o que segue:

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a:

- I - erradicação do analfabetismo;
- II - universalização do atendimento escolar;
- III - melhoria da qualidade do ensino;
- IV - formação para o trabalho;
- V - promoção humanística, científica e

tecnológica do País.

VI - estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Mas, é preciso que o que consta da Constituição saia das ideias e propostas, dos projetos mesmo que existentes e sejam ampliadas, remodeladas, criadas estratégias para que o ensino como um todo seja um divisor de águas na vida de uma criança quando da alfabetização, mas que seja mais que um divisor na vida dos que foram obrigados, ou abandonaram por razões diversas o ensino e chegam ao EJA sem muitas perspectivas, e, que possam, por meio de políticas públicas, efetivas terem ali a oportunidade de mudança de forma definitiva em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

CONCEIÇÃO, Letícia Carneiro da; NAKAYAMA, Luiza. A EJA frente ao enigma das idades: decifrá-lo ou ser por ele devorado? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Goiânia. Anais da 36ª ANPED, 2013.

CARVALHO, Roseli. V. A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente? In: 9º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/3º ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná.

\_\_\_\_\_, Roseli V. A juvenilização da EJA: quais práticas pedagógicas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu. Anais da 32ª Anped, 2009.

FILHO, Alcides Alves de Souza; et al. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.112, p. 718-737,

jul./set., 2019. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/>> Acessado em 23 jul. 2022.

FREITAS, L. M. Interfaces entre o Ensino médio regular e a juvenilização na EJA: Diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre quefares docentes. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2015.

FREITAS, Renata Júnia de; et al. A juvenilização da EJA: o que as pesquisas nos trazem sobre esse fenômeno. VIII FIPED, UFOP, Universidade Federal de Ouro Preto – MG, 2016. Disponível em: < <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/24913>> Acessado em: 22 jul. 2022.

FURTADO, Q. V. F. Jovens na educação de jovens e adultos: produção do fracasso no processo de escolarização. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2015.

JARDELINO, J. R. L.; ARAÚJO, R. M. B. Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, E. J.; AMORIM, R. M. (orgs.). Paulo Freire: culturas, ética e subjetividades no ensinar e aprender. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

SOUZA, E. O.; REIS, R. Juventudes na educação de jovens e adultos: contradições entre suas conquistas como sujeitos de direitos e os silenciamentos nos espaços escolares. *Holos*, v. 33, n. 3, p. 98-109, 2017. <https://doi.org/10.15628/holos.2017.5747>.

RACHELE, Rone Maria. Adolescentização da EJA: reflexões educacionais em torno da presença de novos sujeitos. 2009. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Trabalho de conclusão (Especialização), Curso de Especialização em Educação Profissional integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SILVA, Líbia Suzana Garcia da. Juvenilização na EJA: experiências e desafios. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/27414>> Acessado em 23 jul. 2022.



# AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Aparecida de Souza Oshima

## RESUMO

A agressividade infantil é pouco discutida na sociedade de modo geral, este artigo tem o objetivo de prever a agressividade infantil, buscando informações através da escola e familiares. As informações adquiridas por meio das pesquisas bibliográficas e as opiniões dos autores sobre o tema. Deve-se considerar o comportamento familiar, social, sexo, violência no lar, entre outros. A agressão pode ser direta, quando a criança é o alvo da violência; ou indireta, quando presencia esse ato. Portanto, fica claro a importância deste artigo, sobre o tema que é pouco explorado pela sociedade, escolas e familiares.

Palavras-chave: Agressividade Infantil. Família. Sociedade. Escolas.

## 1 - INTRODUÇÃO

O intuito desse trabalho, cujo tema é a agressividade na Educação Infantil, tem com foco entender e aprofundar sobre o assunto, descobrindo como surge as agressões na vida da criança.

Neste texto, buscou-se abordar a agressividade nas crianças que estão na educação infantil, por elas estarem se desenvolvendo, bem como a formação da sua personalidade, cada vez mais conectado com o mundo.

A agressividade infantil é uma característica normal na fase inicial do desenvolvimento do indivíduo. A transição é passageira o que se reflete em fases posteriores da vida. É cada vez mais normal presenciar casos em que, por motivos de atos agressivos por parte do agressor, que será discutido no decorrer do artigo, a criança não entende a vivência como ensinamento saudável.

Os familiares desconhecem, na maioria das vezes, os problemas causados ou nem percebem a agressividade do seu filho. Desta maneira, podemos notar os reflexos em adultos que atuam com agressão excessiva, entre diversos comportamentos negativos. Quais seriam os principais motivos ou influências que causam esses problemas de agressividade por parte do indivíduo?

Para Klein (1970), a criança começa bem cedo a vivenciar os conflitos com suas pulsões destrutivas, já no final do primeiro ano de vida e início do segundo. A pesquisa vai apresentar discussão e reflexão a partir do comportamento das crianças da educação infantil, através da pesquisa bibliográfica que serão as fontes e além dos fundamentos teóricos que serão abordados no trabalho.

Outro aspecto é que a escola trabalhe as formas adequadas dos professores(as), para lidar com crianças agressivas, porque a agressividade se mostra de formas variadas como agressão ver-

bal, xingamentos, ameaças, agressão física, mordida, tapas aleatórios, etc.

Portanto, vamos entender a realidade desse assunto através das pesquisas citadas acima, para melhor entender os conflitos de agressividade das crianças e entender o que está sendo feito para reduzir esse impacto agressivo. Quais os meios que estão buscando para sanar isso, sabemos que é difícil, mas há um longo caminho a ser percorrido para redução desses atos.

## 2 - A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A agressividade na educação infantil pode se dar por falta de acompanhamento dos pais e, normalmente, ocorre fora do ambiente escolar, por isso a importância da família é essencial nesse caso, já que a escola não tem como saber o que houve com a criança, mas ela identifica atos agressivos que a criança está cometendo.

A escola tem o papel de ensinar, educar e fazer com que o aluno escolha um caminho para seguir em frente e cabe à escola também identificar as variações dos alunos nesse período pré-escolar. No ato do acompanhamento, a escola saberá lidar com a situação, mostrando ao aluno o correto para que possa respeitar seus colegas de escola.

Neste termo podemos saber que tal agressão da criança se dá por conta das brigas dos pais, ela não sabe similar o que é errado ou certo, portanto ela não identifica como um ato normal, e acaba incorporando nas suas influências no dia, pensando que é a atitude certa, mas a maior reflexão do educador é demonstrar a essa criança a correção do ato negativo. Portanto, as pessoas que rodeiam essas crianças fazem com que elas absorvam em seu co-

tidiano atos não saudáveis para sua vida que está apenas começando, causando-lhe um trauma que pode afetar seu comportamento, que se altera para ato agressivo.

O ambiente onde a criança está inserida tem efeito positivo ou negativo, podendo variar de acordo com as ilustrações que essas crianças enxergam, captam e absorvem. A criança tem que ter acesso às brincadeiras normais dessa fase e convívio com outras crianças, isso faz com que ela se desenvolva de maneira saudável e comece a fazer parte de um ambiente de participação em grupo. Essa convivência já é sua experiência de vida, mas para lidar com isso é outra história, porque ela está conhecendo o novo, os pais e educadores escolares, necessitam auxiliar essa criança, protegendo – a e defendendo – a de possíveis riscos à sua integridade física, emocional e cognitiva, de acordo com o grau de instrução de cada um.

A influência de um ambiente familiar e social, que conota os erros de agressividade da criança, como a periferia onde há a violência de todo o tipo, com falta segurança e educação, faz com que a criança presencie esses atos, porque nesse local também não tem uma área de lazer, ação social e incentivo de esportes.

Outro fator a se observar é o fato de a família não conseguir dar o melhor para seus filhos e, às vezes, estes começam a não se sentir acolhidos, por exemplo, no dia das crianças, como o fato de não ganhar presente, mas ela não entende a situação dos pais e acaba tendo um desvio desse ato.

Na educação tem que haver limites que devem ser mostrados a seus filhos, como o fato de se não se tem condições para dar presentes, mas as crianças de hoje são muito mimadas e têm pouca instrução dos pais no quesito do certo e o errado.

Muitos problemas familiares ocorrem porque a função maternal e paternal, teve falha na vida dos filhos em alguma fase da vida deles, a criança precisa do amor dos pais, afeto, carinho, uma leitura de cabeceira de cama, a famosa história, o brincar junto, as conversas em família, entre outros.

A descentralização disso causa um transtorno na criança, porque ela pode presenciar isso num simples passatempo com o colega na casa dele, por exemplo o modo como o outro é tratado, também gera um desconforto na criança.

A moral da história, é que precisa ter um ambiente saudável com clareza nas informações básicas de respeito, e a escola deve instruir e corrigir os erros que ela vai cometer no ambiente escolar.

Para Winnicott (1982), direta ou indiretamente, constitui reação à frustração, quando, muitas vezes, a necessidade de ser enfrentado por alguém que impeça possíveis danos.

Para entender a agressividade infantil é preciso compreender o contexto histórico-social da família, como idade, sexo, estrutura familiar, condição socioeconômica, ano escolar, os aspectos do comportamento agressivo e outros.

A criança precisa de convivência com outras da sua idade, para poder brincar, as brincadeiras, saudáveis como pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, entre outras brincadeiras, que estejam relacionadas a sua idade e com a condução dos seus pais. No ar livre, uma boa opção é um parque, um excelente espaço de lazer, independente se tem ação social, tem locais de acesso fácil e que são gratuitos.

A escola também controla as brincadeiras, fazendo com que elas se conheçam, se comuni-

quem e sobre supervisão dos professores (as). Na perspectiva de vida dessas crianças tem que haver um acompanhamento mais rígido pelos pais, para que a presença deles, dê mais segurança e, principalmente, que os pais controlem seus filhos dos abusos da idade de fazer coisas erradas.

Os pais acabam não acompanhando seus filhos devido à vida corrida que levam, além do trabalho que consome, tem ainda a educação para correr atrás, faculdade para seu crescimento pessoal e profissional e além de sua tarefa árdua que é colocar a casa em ordem, porque não tem como contratar uma empregada para a tarefa diária da sua residência.

No mundo atual com essa tecnologia de ponta, nota-se a poluição das crianças e adolescentes com aparelhos eletrônicos em mãos, como tablete, celulares, vídeo games, ipod, entre outros. Portanto, fica difícil você controlar essa situação tecnológica, mas tem que haver um controle severo dos pais no manuseio dessa tecnologia com regras para uso.

A tecnologia, visivelmente, facilitou muita coisa mundialmente, mas estragou bilhões de pessoas, porque a facilidade de encontrar informações através da internet é muito grande. Hoje, por exemplo, as pessoas não leem um bom livro físico em mãos, a tecnologia substitui esse aparato, só que a escolha vem da humanidade de escolher uma leitura, na grande maioria só quer uma resposta e acaba encontrando na facilidade do Google.

A razão disso é mostrar que os valores antigos foram deixados de lado, são poucas que seguem o ensinamento dos seus pais, a atual geração convive em escolas, com crianças de parentes ou amigos, sem a presença dos pais, isto reflete na criação dessas crianças.

Porque um jogo on-line ou vídeo game prende a atenção deles, acaba que o universo delas reflete na tecnologia, tem que haver uma vigilância dessas atividades, incentivar a leitura de livros, brincadeiras de outras atividades relacionadas a sua idade e ter relacionamento com outras crianças da sua idade.

Resumindo esse texto, dentro do que foi citado, pode haver conflitos de agressividade e comportamento dessas pessoas, isto vai depender do acompanhamento dos pais e das escolas, segundo suas atividades administradas pelos pais e, conseqüentemente, pelas escolas.

A burocratização disso tudo é que o dever tanto dos pais quanto o das escolas é mostrar o caminho que devem prosseguir, dando ensinamento das suas obrigações de pais e a escola educando seus bebês e crianças.

### **3 - A ORIGEM DA AGRESSIVIDADE INFANTIL**

A origem acontece a partir das influências no local onde as crianças estão inseridas, que tipo de ambiente elas se encontram. São ambientes agressivos que estimulam o ato de absorver tal tipo de atitudes. Portanto, a base onde a criança está conectada tem muito a ver com os acontecimentos fora do anormal.

Os pais são os aspectos mais reais dessa situação, porque se o convívio do casal é muito agressivo, e a criança presencie esses atos negativos, ela acaba absorvendo essa imagem forte, que influencia seu aprendizado de vida.

Outra hipótese é o local em que essa família está inserida, se há ato de violência, falta de emprego, educação, moradia ou, simplesmente, esportes, afeta muito o contexto familiar. Porque se a base familiar não for sólida, dificilmente essa criança escapará de presenciar essas agressões neste local.

A hipótese citada acima tem tudo a ver com relação ao tema, nota-se que os pais são o principal pilar dos filhos para mantê-los na linha, respeitar ao próximo, com educação.

Se a criança tem uma base estruturada, dificilmente cometerá esses atos, mas vai depender exclusivamente da criança que cometer ou não essa agressão.

Para Mucchilli (1963) o "Eu adquire consciência de si através da oposição e é por ela que vivenciará uma experiência e se moldará sob a resistência de um não-Eu".

Outras fases contribuem para o ato agressivo que são: reação do negativismo dos três anos, reação do nascimento de um irmão ou irmã, reação às atitudes dos progenitores, educação de asseio, entre outros.

Portanto, entender a origem do problema é fundamental para compreender tal proeza dessa agressão, sabemos que as formas citadas no texto, conecta esses delitos, mas também cabe salientar que nem todas as crianças ira cometer esses atos agressores.

A base familiar é o principal elo da criança para ter um crescimento saudável, sem que haja conflitos anormais. No atual cenário educacional presencia-se violência fora do normal nas escolas por partes de indivíduos.

### **4 - AS CONSEQUÊNCIAS DA AGRESSÃO**

Essas conseqüências abrangem o ambiente familiar e social, o que a criança absorve desses convívios, pode transformar numa agressão para sua própria defesa, porque ela não tem o manuseio de identificar o certo ou o errado, então a criança acaba absorvendo para seu convívio social da sua vida.

A ocorrência disso, pode afetar os seus conflitos de decisão na sua vida, pois a criança está na fase de aprendizagem e de experiência em novas oportunidades na sua vida, tudo é novidade e isso traz motivação para ela explorar mais.

É nessa fase que entra a participação familiar, sem a estrutura dos pais dessas crianças não se localiza e sim faz o que está diante dos seus olhos, o que afeta a um conflito agressivo.

As crianças que convivem entre si em um Centro de Educação Infantil, estão diante do novo, tudo é novidade para elas, quem conduz essas crianças são os educadores(as), demonstrando o certo e o errado, dentro das vivências programadas para o dia.

Essa criança, quando está no seu ambiente familiar, tem algum conflito negativo, que são por exemplo, a briga dos pais, quando há agressão verbal e física. Isso causa, na criança um choque profundo, e pode ocorrer que essa criança para se defender um dia, na sua fase adulta, pode utilizar de agressão física contra sua vítima.

Imagina a vida toda convivendo com esse tipo de problema, independente da classe econômica, pode causar um transtorno psicológico nessa criança, e desencadear problemas, na sua vida futura.

O acompanhamento familiar é importante, mas como os pais e, principalmente, as mães que vivem em conflito vão notar no seu filho(a), o surgimento dos sinais de comportamento agressivo? Fica difícil para ela por causa do seu trauma com seu companheiro.

Os comportamentos dessas crianças são relativamente estressantes num ambiente negativo, em que as situações de atos violentos são

constantes, isso gera um medo na criança, que afeta a sua fase de crescimento, porque ela vai ficar insegura para certas situações do cotidiano. Às vezes, têm medo de se expressar, tirar dúvidas ou, simplesmente, fazer uma pergunta e acaba gerando uma síndrome de pânico ou qualquer outra doença relacionada a isto.

A gravidade dessa agressão na vida da criança é fatal, ela ao mesmo tempo, tem que aprender, desenvolver e despertar seus sentidos, mas também traz consigo problemas familiares da sua vida, que gera um trauma pertinente e frustra seus sonhos.

O problema familiar é a única situação, além de outras hipóteses, como no ambiente social onde está inserida, qual o tipo de cultura que ela convive, são perguntas respondidas através da violência, assaltos, drogas, entre outros. Porque se não tiver uma base familiar segura e uma educação rígida, facilmente essa criança estará na rota desses problemas.

O real motivo desse problema, está centralizado no país, a falta de investimento na educação, pode gerar consequências graves e ainda sem o apoio dos familiares, notam-se muitas crianças e jovens em áreas com poucos investimentos e ficam perdidas, acaba facilmente entrando para marginalidade.

## **5 - OS EDUCADORES EM RELAÇÃO A AGRESSIVIDADE**

A agressividade é um tema pouco discutido nas escolas, nas famílias e na sociedade. A condução disso é tratada absolutamente do zero, porque isso envolve quase todas as pessoas, se você mexe numa peça, tem que modificar o restante, a desigualdade é grande.

Do ponto de vista pedagógico, é intrigante essa situação, como o papel da escola em averiguar

o passo a passo no comportamento de seus bebês e crianças, entender, ensinar e tentar captar os sinais de comportamento destes.

Na visão do professor(a), fica extremamente difícil, envolve o emocional, pois é necessário decifrar seu aluno(a), entender o que está passando, e não é fácil para o educador compreender isso. Entender o fluxo do professor, é uma carreira das mais importantes do mundo, educar não é tarefa fácil, ainda tem a desvalorização do educador, não se reconhece o que realmente ele faz para estar onde está hoje, o ambiente de trabalho é totalmente ruim, escolas com estruturas péssimas e falta de material didático, fora a violência escolar que cresceu bastante nas escolas, mesmo assim os professores(as) amam sua profissão.

Outra é a sociedade, encontra dois lados da moeda, área urbana polarizada, em que o principal serviço para sociedade funciona plenamente quando eles precisam; na periferia, é o contrário, nada funciona adequadamente, a falta de interesse de todos, promulga a esse acontecimento.

Pergunta-se, como um educador(a) vai conseguir identificar tais problemas numa criança, já que os docentes estão, extremamente, sobrecarregados em suas funções e que, às vezes, é mais que uma.

A agressividade infantil é um problema sério, que precisa de todos envolvidos no processo e juntos encontrar uma solução que amenize o impacto, sabemos que não será nada fácil, o conjunto sempre prevalece e soluções sempre surge.

A repercussão sobre a agressividade infantil nas escolas tem variações diferentes, vamos analisar pelo lado dos educadores(as), quando o docente enxerga algo errado no seu aluno,

claramente vai perguntar sobre o ocorrido, e muitas vezes o problema está na família.

A família é o centro dos filhos, se os pais não estão por perto, ou têm conflitos entre eles, acabam afetando o convívio dessa criança, seu emocional. A grande problemática é solucionar isso o quanto antes, mas sabemos que é difícil amenizar essa dor que a criança vem presenciando sabe-se lá desde quando.

O papel dos professores(as) não é resolver os problemas, mas apaziguar essa dor do aluno, tentando descobrir os problemas e, conseqüentemente, mostrar algo prático para solucionar a ferida. Outro lado é que o educador não tem nada a seu favor, ou seja, o que o docente de hoje tem de recursos materiais disponíveis para amenizar algo nessa situação que seus alunos podem estar sofrendo, nada prático e, às vezes, ele não tem preparação nenhuma para lidar com isso.

Para Silva (2006), a exemplo dos alunos considerados agressivos, os professores também manifestam sua agressividade através de diferentes formas de evasão, com seu desinteresse pelo trabalho, acomodação, mudança de escola, abandono do emprego e até da profissão. O profissional docente tem uma carreira desvalorizada, um salário que é frustrante, péssimas condições de trabalho, sala de aula ruim para trabalhar e, às vezes, nem isso. O professor faz de tudo para dar uma aula digna para seus alunos e ainda tem que lidar com situações de agressividade infantil, que acaba ainda mais sobrecarregando sua carga horária de trabalho.

Outro fator é o aumento da violência contra eles próprios em sala de aula, falta segurança nas escolas, o educador sente-se ameaçado, além da sua saúde física estar debilitada com tanto estresse e ansiedade por causa do so-

brecarga.

A profissão é desgastante e acaba gerando conflitos de saúde, estresse, ansiedade, são os maiores vilões que eles enfrentam na sua carreira, o acúmulo de cargos, cargas horárias excessivas ou até mesmo trabalhar em vários locais diferentes acabam afetando sua mente e seu corpo físico, o que resulta na saúde frágil. O balanceamento nessa profissão é essencial, seja em qualquer profissão, devido o despreparo da carreira, a falta de condição de trabalho, falta de planejamento pedagógico das escolas, entre outros fatores educacionais.

Portanto, a escola tem seu papel significativo nisso, os docentes são essenciais nessa convivência, o contato do dia a dia, favorece e muito para entender qualquer aluno e compreender o real motivo da agressão.

Outro detalhe é na questão dos professores (as), nessa convivência com os alunos mais esquentados, as vezes o educador tem que usar de um tom mais agressivo, para obter o controle da classe, impor sua regra, mas com tempo esses alunos ficam agressivos, devido ao manuseio do docente na sala de aula.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agressividade infantil acontece de várias formas, de acordo com a visão da criança e de sua família, isso quer dizer que a ausência dos pais contribui e muito com esses atos agressivos, porque o pai tem uma vida corrida e os filhos acabam ficando nas escolas ou com outras pessoas que cuidam deles, e isso evidencia a não convivência dos pais com seus filhos. O texto abordou muito esse quesito, outro fator é o convívio dos filhos com os pais, em um ambiente onde há violência, em que o filho (a), presencie atos de agressão do pai na mãe, e acaba a criança absorvendo isto, imagina o

subconsciente dessa criança como está, gerando trauma até grave, dependendo da doença.

O artigo foi elaborado com base nesse contexto que demonstrou que tanto a família, a escola e a sociedade, tem contribuição nisto, o pouco interesse nesse assunto, faz com que cresça o ato da agressão, e as escolas e além dos professores (as), não estão preparados para lidar com essa situação.

No artigo abordou a questão social em que a família está inserida que contribuiu bastante para esses acontecimentos, levando em consideração se a violência no local é extrema, se não tiver uma família com educação rígida, as crianças acabam aderindo a esse comportamento.

## 6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KLEIN, M. Tendências criminais em crianças normais. Em Contribuições à Psicanálise (Vol. I, pp. '97-213). São Paulo: Mestre Jou 1970.

MUCCHIELLI, ROGER. A personalidade da criança: sua formação do nascimento até o fim da adolescência. 2 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C. A. (Filhos), 1963.

SILVA, M, E. P. (2006). Burnout: por que sofrem os professores? Estudos e Pesquisas em Psicologia, 6(1), 89-98.

WINNICOTT, D. W. A Criança e o Seu Mundo. 6ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1982.

# PROJETO

## EMPREGABILIDADE



Foco no aluno e no seu futuro profissional!

Saiba mais em: [faep.edu.br/projeto-empregabilidade](http://faep.edu.br/projeto-empregabilidade)

# Normas para publicação de trabalhos

A Comissão Editorial da Revista **Educação Integral** do grupo Educacional Ineq torna público aos interessados que receberá textos de entrevistas, traduções de documentos e textos clássicos, artigos, resenhas e relatórios de campo, de caráter inédito, cujas matérias tratem das teorias, objetos e metodologias das Ciências humanas e Sociais Aplicadas, resultantes ou não de pesquisas empíricas. Os referidos textos deverão conter as seguintes cláusulas:

1. Resumo em Língua Portuguesa, contendo de 100 palavras, referências do autor (instituição, cargo, titulação e endereço eletrônico);
2. Resumo em inglês ou espanhol;
3. Palavras-chave: até cinco;
4. Redação em língua portuguesa, digitação em folha formato A4, word for Windows, fonte Time New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, margens esquerda e superior com 3 cm, direita e inferior com 2 cm;
5. As entrevistas deverão ter, no máximo 04 (quatro) laudas; as traduções de documentos e textos clássicos e os artigos científicos, de 08 (oito) a 16 (dezesesseis) laudas, as resenhas até 03 ( três) laudas e os relatórios de trabalho de campo até 15 (quinze) laudas, incluindo-se nessas delimitações as tabelas, quadro, gráficos, figuras, fotografias e referências bibliográficas que fizerem parte dos textos;
6. Apresentar notas de rodapé ( se necessário) numeradas em algarismos arábicos;
7. As citações e referências bibliográficas devem obedecer ao padrão estabelecido pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (a mais atualizada), para referenciamento de livros, revistas, suportes eletrônicos e outros multimeios, disponíveis no site [www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br);
8. Os textos encaminhados à Comissão Editorial da Revista Educação Integral do Grupo Educacional Ineq serão apreciados por três membros desta comissão, que poderão aceitá-los integralmente, propor reajuste ou recusá-los, com base em critérios técnicos como: coerência textual, encadeamento lógico, normas da ABNT vigentes, problemática enunciada e desenvolvida, introdução, referencial teórico, considerações finais e referência bibliográficas;
9. Os textos que não observarem os padrões aqui estabelecidos não serão publicados;
10. Os Autores que tiverem trabalhos publicados terão acesso ao arquivo digital da Revista Educação Integral, não sendo pagos direitos autorais;
11. O conteúdo dos textos deve passar por criteriosa revisão textual, que é de responsabilidade de seus autores;
12. Os casos omissos serão discutidos e deliberados pela Comissão Editorial;
13. Informações sobre o periódico podem ser solicitados aos editores, no Núcleo de Desenvolvimento de Atividades Pedagógicas do Grupo Ineq ou via e-mail;
14. Os trabalhos deverão ser enviados somente por e-mail para o endereço: [educacaointegral@ineq.com.br](mailto:educacaointegral@ineq.com.br) com o devido comprovante de pagamento do artigo. **Não enviaremos para revisão, antes de identificar o pagamento.**

# CONHEÇA OS NOVOS CURSOS DE GRADUAÇÃO:

Serviço social

Estética e cosmética

Análise e desenvolvimento de sistemas

Para mais informações, acesse: [faep.edu.br](http://faep.edu.br)

**CONHEÇA  
OS PROJETOS  
DA FAEP SOCIAL**

**[www.faep.edu.br](http://www.faep.edu.br)**

**FAEP**  **SOCIAL**

UMA AÇÃO PRESENTE COM IMPACTO NO FUTURO